

Prosa Versificada – I

José Leon Machado



Ficha Técnica

Título: *Prosa Versificada – I*

© Copyright José Leon Machado 2006-2008

Todos os direitos reservados.

Edição conjunta das seguintes obras:

Os Desabafos do Sr. Teixeira, OPSIS, 1996

Poesia das Mãos Fechadas, OPSIS, 1996

Panteão das Coisas Vulgares, OPSIS, 1996

Lar Despido, OPSIS, 1996

1ª edição, Dezembro de 2006

2ª edição, Agosto de 2008

Edições Vercial

URL: <http://alfarrabio.di.uminho.pt/vercial/evercial>

E-mail: pvercial@iol.pt

José Leon Machado

Prosa Versificada – I

Poesia

Edições Vercial

**Textos recuperados para
uma espécie de introdução**

A MODERNA POESIA PORTUGUESA

No livro *Para Sempre*, publicado em 1983, Vergílio Ferreira, num tom de chacota, apresenta as novas correntes de poesias moderna: «o baralhismo que baralhava muitas palavras e as atirava ao ar e caíam em forma de poema – e o saquismo. Que era metê-las num saco para as tirar ao acaso da inspiração, e o mudismo. Que era a poesia muda em livros em branco».

Alguns anos passados e, num relance de olhos, descobrimos que essas palavras se coadunam com o que hoje se escreve e se edita em Portugal.

Os nossos poetas escabujam palavras, amontoam-nas, uma lixeira de detritos onde a variedade de colorido, de odores é colossal. Para os compreender, um esforço inaudito pedido à sensibilidade e à inteligência.

A mescla de sensações e pensamentos não destoa num poema. O que destoa é não haver sensação nenhuma e o pensamento estar ausente como a água no deserto. Borram-se páginas inteiras de linhas que não significam absolutamente nada. Ou, então, às vezes um verso perdido no fundo da página branca.

Não defendemos, porém, o regresso às formas clássicas, aos versos rimados, certinhos como a esquadria de um prédio. Serão bonitos de ouvir, mas talvez não se harmonizem já com a inspiração bravia e complexa dos novos poetas.

Para a história da literatura, como experiências no campo estético acumuladas, as formas clássicas através dos seus utilizadores são sempre positivas. O passado, dizia Jung, «faz parte de nós».

Os trovadores, Camões, Bocage, Antero, Pessoa, legaram-nos um manancial inextinguível, uma poética que perdurará. E esses poetas de cordel que anualmente editam um livro ou são premiados pela

José Leon Machado
.....

associação fulana de tal, que nos legam? O baralhismo, o saquismo, o mudismo?

Um ou dois nomes a destacar do mar poluto da moderna poesia portuguesa: Herberto Helder e João Miguel Fernandes Jorge. A grande verdade é que uma época dá poucos artistas que ficam. Serão estes a marca dos recém-chegados anos noventa?

29/10/1990

A CRISE DO LIRISMO AMOROSO

A temática amorosa é uma linha de força ao longo da história da literatura portuguesa. Foi o tema mais tratado pelos poetas desde a Idade Média, talvez porque outros temas fossem inconvenientes, como a problemática do homem na sociedade e no mundo, a contradição religiosa, a denúncia quer da política dos poderosos, quer das misérias sociais e morais. A censura, a Inquisição, a repressão avassalaram constantemente os poetas. O medo à fogueira, a deportação e a força constituíam meios bastante persuasivos a não se aventurarem por outras temáticas que não o «cuidar e o suspirar».

Na poesia dos trovadores o amor entre o homem e a mulher aparece puro, cortês e atrevido, conforme fossem cantigas de amigo, de amor ou de escárnio: O poeta era um trovador apaixonado que cantava em verso os seus sentimentos peitorais. Todas as composições, ou a grande maioria delas, andam à volta da mulher e do homem que a corteja ou é cortejado.

Com o Renascimento e as influências de Dante e Petrarca, o sentimentalismo amoroso, o sofrer que mata, aprimora-se. A mulher é aquela coisa loira e branca, inacessível como um anjo, que o poeta chora e endeusa. Camões foi o máximo expoente desta tendência, com Sá de Miranda, António Ferreira e Bernardim Ribeiro como precursores. O seu fogo de amor revelou-se tão intenso que ainda hoje, ao lado de Bocage, é considerado o maior «pinga-amores» da literatura portuguesa. Não se perdera o épico por causa de «üa dama»?

A lírica barroca e a lírica neoclássica seguiram de perto os passos dos poetas anteriores. A beleza da mulher, a sua inacessibilidade, o amor não correspondido continua a inspirar os poetas, agora mais artificiosos. Até os frades dedicam às suas «musas» primorosos sonetos, como Jerónimo Baía, frade ingresso do mosteiro de Tibães. Francisco Rodri-

gues Lobo, D. Francisco Manuel de Melo, Correia Garção e Bocage tresloucaram a dar ais sentidos pelo desprezo das damas queridas.

Os românticos do século XIX exageraram os ais, ofuscando, ora de exacerbada alegria, ora de profunda amargura, a sinceridade poética dos anteriores. Almeida Garrett foi o último grande lírico a tratar a temática amorosa entre homem/mulher. *Folhas Caídas* é uma espécie de lousa que encerra definitivamente a primazia dessa temática no túmulo marmóreo da inoperância.

Eça, nos seus romances, considera corrupto e impuro o amor entre homem e mulher. Primeiro porque nos seus romances o casamento era pré-fabricado sem comum consentimento. Segundo, porque os cônjuges se enganavam mutuamente, chegando Eça a afirmar «que em toda a Lisboa não havia uma única mulher virtuosa e séria». Tanto eles como elas se entregavam ao deboche extra-conjugal.

Eugénio de Castro e os simbolistas ignoravam tal temática nas suas composições líricas. Há outras preocupações, como a exploração do inconsciente humano, o sonho, os delírios, o fantástico, a música, a luminosidade, as atmosferas exóticas e o desenraizamento do banal. Não havia já lugar para o verbalismo retórico cheio de exclamações e suspiros de paixão pela amada.

Os poetas modernistas, a começar em Mário de Sá-Carneiro e Fernando Pessoa, preconizaram uma renovação temática. A angústia existencial, o absurdo da vida e da morte, a frustração impotente, o tédio, a dor, o cepticismo perante o mundo vão fundamentar a presente perspectiva.

Aqui ainda menos o amor homem/mulher se insinua. As preocupações dos poetas do século XX já não são de procurarem exteriorizar a sua dor de mártires de Cupido. Projecta-se um amor universal a todos os homens, à natureza, ao real, ao onírico e ao ideal. Vemos os neo-realistas a denunciarem a repressão e as desigualdades sociais, defendendo a liberdade e a democracia (Carlos de Oliveira e José Gomes Ferreira). Os surrealistas procuram o desconhecido e o insólito

(Alexandre O’Neil, Mário Cesariny e Herberto Helder). Os que não se encaixam em nenhuma corrente, como Eugénio de Andrade e Ramos Rosa, optam pela descoberta da musicalidade e bonomia das coisas simples e primordialmente importantes.

E agora, quando aparecem esses poeteiros a choramingar de amores por alguma musa sua conhecida que lhes não deu treta, dá vontade de considerar: será que o lirismo amoroso não está realmente em crise?

Não há rapazinho português que, em tempo de cio, não encavalite meia dúzia de versos, com três ou quatro lágrimas e mais umas tantas noites de insónia. Pára a paixoneta, passa a inspiração e o vate encosta a lira. Quem não fez versos na juventude e os não dedicou a alguma Dinamene? Ora, os versos nem sempre fazem poesia. A poesia, contudo, pode ser feita de versos.

21/01/1992

EGAS COUTO, POETA DA COR E DA FORMA¹

Nascido em 1945 nos arredores de Braga, Egas Couto cedo experimentou a oposição entre a vida rústica e a vida citadina de província. Filho de gentes do campo, herdou-lhes a dedicação às plantas que crescem, à chuva, ao sol, ao fogo que aquece e à água que refresca. Da cidade aproveitou o contraste das formas, o geométrico, o som, as vozes, as cores, o *stress*. Em Braga estudou na Escola Comercial. Nos anos 60 foi passar uns tempos a Macau, destacado como militar.

Aí soube usufruir dos perfumes do Oriente, a filosofia do imponderável, os sons raros, as comidas exóticas e o rancho do quartel, com casernas cheias de mosquedo e aromas nauseantes. Provém também desta época a sua irredutibilidade às normas e às leis.

Voltou a Portugal. De emprego em emprego nas horas em que não escrevia, fez de tudo, ou quase: motorista, empregado de balcão, escriturário e finalmente professor de trabalhos oficinais. Actividade que ainda agora exerce, com certa repugnância. «Mas os poetas também precisam de comer», diria a um amigo.

A sua obra literária não é vasta. Contam-se quatro livros publicados, três de poesia e um de ficção: *Verticais*, *Sem Corantes*, *Preposições* e *Mundo da Mágoa*. Nunca redigiu artigos literários para jornais ou revistas, sendo praticamente desconhecido nos meios culturais nacionais.

Não inserido em nenhuma corrente poética modernista ou vanguardista, Egas Couto é ele-próprio sempre. Não tem ninguém atrás e ninguém depois: «nem mestres nem discípulos», diria; «Não devo nada a ninguém. Saldei há muito todas as dívidas». Confessou que

¹ Egas Couto é uma ficção do autor que se originou durante conversas sobre literatura com José Carlos Espírito Santo, seu companheiro da secção «Anti-Literatura» publicada no *Correio do Minho*.

nunca lera uma única linha de poesia extrapessoal, além dos autores que o obrigaram a estudar na escola, como Camões e Afonso Lopes Vieira. Poetas que, segundo ele, o nausearam por serem «o suporte do regime salazarista».

A poesia dos seus livros pode resumir-se nalgumas constantes: a geometria das formas, com alusões a triângulos, quadrados, ângulos, encaixes, linhas, paredes, janelas, esquadria, prédios, árvores recortadas; a visualização das cores, como o azul, o vermelho, o verde e o amarelo, o brilho da luz artificial; a rejeição do fácil através dos versos obtusos com uma sintaxe em desequilíbrio lógico e uma semântica despragmatizada; a mitologia popular, imiscuída na lenda e na superstição das gentes do norte português, num amálgama com a sociedade actual, tecnicizada e consumista; a busca do inútil um pouco à maneira de Tristan Tzara que ele próprio desconhece. Também Egas Couto diz, como o poeta do dadaísmo: «Os meus poemas não significam absolutamente nada». São uma maneira de estar, de ouvir, de ver, sem dor ou alegria.

Egas Couto escreve sem risco, porque nada arrisca e nada está em jogo. «Nem a própria literatura». É um acto como o respirar, o comer, o ir ao café, mas abstraído da intenção e da necessidade desses actos. É com satisfação que (re)editamos nesta página alguns dos seus poemas para conhecimento de alguns que o ignoram e para regozijo dos que lhe são caros. já tivemos oportunidade de, neste ano que termina, apresentar um seu poema do livro *Preposições*.

Hoje propomos outro do mesmo livro e um de *Verticais*.

Terminamos com as palavras do poeta sobre si: «Um poeta não tem que ser amado e badalado. Odiado talvez, ou pelo menos vendido ao quilo para reciclagem».

RISCO

Azul quero que seja gravado em azul
Nem vermelho ou preto azul marinho.
Moeda efígie gravada um rei
A minar um sopro o poder de morrer
Cujo finco de azul soçobra.

Em *Verticais*

CONFORME

Chuva no telhado da casa
Folhas de choupo carvalho
Em queda lenta rigorosa
Sonâmbulos edifícios tímbreres
Ferrugem de antenas
Um mastro sem bandeira

Talvez um pássaro ainda cante
Sob o meu telhado.
Cedro verde eterno, inferno
No fogão de sala apagado.

A máquina do café não sai
Cai sonolento um arpejo
Inconstância do corpo
A buscar aconchego de voz.

Núcleo centro crase sonso
O responso litúrgico
Em dia de fiéis defuntos.
Até o Além se paga caro
Não vá Deus oferecer lugar
A quem tem mais ou se avia
De gravata.
Devir pregas de sofá
Chuva no telhado a mim
Surte efeito o pensar agudo
Na morte dos que não eu.

Em *Preposições*

18/12/1991

Os Desabafos do Sr. Teixeira

1987-1988

*Sentia somente, nesta noite suave, qualquer
coisa, alguém, morrer em mim.*

Nikos Kazantzakis, *Alexis Zorba*

NOTA

As datas das composições de *Os Desabafos do Sr. Teixeira* não são exactas. Representam apenas o dia em que o autor rabiscou a primeira ideia do poema que, mais tarde, foi aperfeiçoando até à forma final. O autor reconhece, no entanto, que muitos dos poemas necessitariam de uma poda mais actualizada. Decidiu apresentá-los sensivelmente como os havia pensado e sentido. Embora lhes falte arte, não lhes falta sinceridade. E talvez tenha sido isso a salvá-los da gaveta.

PARTE I

HOMO SESSUS

I

As grandes aspirações do momento,
Os pensamentos altos de subtilidade,
As raras sensações fugidias,
Um conceito obtuso do mundo,
Os ruídos cavos da civilização,
Aquele ideia para um filme,
A nota timbrada de uma música,
Eu no meu quarto a palpar a parede.

Comer um poema de Leo Ferré
Impresso em papel couché é indigesto.
Ainda há flores entre as pedras,
As rosas nascem sobre as lajes de cimento
E os muros esverdeiam de musgo.
Esta coisa do vídeo só estraga a arte.
Onde estão os direitos de autor
Numa cassete comprada na feira da ladra?

A arte dos livros tem mais valor,
Não se pode falsificar o conteúdo.
E eu, que passo a vida a falsificar-me!
Pirataria a vida todo os dias
Depois de me barbear ao espelho
E vestir o casaco para sair à rua.
Mas ninguém sabe que não sou eu
Aquele que sai pela porta da frente.

Toda a vida saí pelas traseiras,
Como a empregada que faz a limpeza
À casa duas vezes por semana.
Um vaso de jacintos que florescem na Primavera
Sorri-me quando chego carrancudo
Dos negócios sujos, porcos
A que me obrigo a escravizar
Quando sei que é vão o meu esforço.

O país não muda e os negócios também não.
Quem muda são os homens
Para outros homens de ambição maior.
A minha mais importante ambição:
Entrar pela porta da frente
E oferecer-me um ramo de flores.
Que ambição poética e delicada!
Os insectos viscosos borrariam as flores.

Uma tia está doente às portas da morte.
Mas essa tia para mim já morreu.
Não a conheço e só ouvi falar dela hoje.
Aqueles que nunca vimos não existem.
Deus existe porque ainda outro dia
O vi numa criança a chorar.
E o senhor Gorbachov também existe,
Porque o vi a discursar no *politburo*
Quando o telejornal emitiu as *news*.

Veio uma colega de emprego e queria
Que eu fosse para a cama com ela.
Os justos têm às vezes as suas tentações.
Pena eu não ser justo e não ter tentações!

Mandei-a embora e disse-lhe para ter vergonha.
Não tinha vontade de a aturar
E satisfazer os seus caprichos sexuais.
Agora anda tudo ao contrário.

II

Costumo masturbar-me intelectualmente.
Dá-me grande gozo sentir as ideias,
Apalpá-las como coisas reais.
Não me parece bem nem mal
A roda do mundo e dos homens.
Porquê exaltar-me com a miséria
E a guerra que grassa nos continentes?
Não me afectem que eu fico sentado.

Pus um autocolante no pára-brisas
Sobre propaganda de certo partido político
Que por acaso ganhou as últimas eleições
E agora vai desgovernando o país.
Tem uma cor atraente e obedece às leis do cartaz.
Fizeram-no para cativar, deu resultado.
Porque será que não cativo ninguém
E ando tão colorido por fora e por dentro?

A torneira pinga e a conta sobe.
Acercou-se uma fulana que eu não gosto.
Vinha sorridente a abanar o traseiro
Gordo e desproporcionalmente estético.
Tive de parar a conversa com um amigo
Para ouvir os seus risinhos idiotas.
Ela foi-se, recomecei a conversa
Mas vi que o maior idiota era eu
Ao deparar na estupidez da conversa.

Perdi o bilhete de identidade
Ao tirar do bolso a carteira preta.
Agora sou cidadão do mundo sem mundo.
A identificação não serve para nada.
Eu sei muito bem quem sou.
Ou não é às minhas mãos
Que o dinheiro vem no fim do mês
E delas que ele sai para o bolso dos credores?

O que eu na minha sinceridade não sei
é donde vim e que me espera acolá,
Ao volver da rua que vai ao cemitério.
Talvez não haja motivo de preocupação.
Uma estrada começa e acaba.
Uma parede tem a parte de cá e a parte de lá.
Sempre que penso confundo-me até aos pés.
O homem da pedra utilizava os pés para andar.
Nós, os da civilização, pensamos com eles.

As horas esvaem-se no tempo,
O cavalinho continua castanho,
Montões de livros dão-lhe sabedoria,
Espalha-se sobre a mesa de pau-brasil
E vem afectar-me a quietude sagrada.
O cosmos é um grande livro aberto
E eu só tenho montes de livros fechados
Nas prateleiras da minha alma cinzenta.
Viagens, passeios por bosques frondosos,
Vales profundos, infindas planícies,
Cidades altas, cidades baixas, o mar,
Os rios, o céu e tudo o que fica longe
Da terra onde temos o coração,

Traz-nos cultura como o simples olhar
Uma estrela perdida no espaço da noite.
A cultura não se descobre em livros poeirentos.

Atirei-me desenfreado a uma dança
Como faziam os primeiros à volta do fogo.
Na juventude de minha avó dançava-se aos pares.
A Humanidade degenera para o egoísmo.
Cada qual frui o seu ritmo
Abstraindo-se dos outros e do lugar
Onde a música corre solta e bruta.
Danço e os pensamentos são veados em fuga.

Despedaço as carnes de raiva surda.
Um filho meu partiu, deixou-nos.
O sangue do meu sangue morrera aqui
Momentos após ter nascido da incerteza.
Que adianta romper-me a gritar
Se é quimera fazê-lo aos pés da morte?
O sofá mole absorve os membros cansados
E a cabeça relaxa no sono impossível.

III

A carteira a rebentar de dinheiro
Ganho numa felicidade qualquer
Não paga o que o meu coração
Marmóreo e preso à terra não tem.
Os livros de fecundas páginas
A regurgitarem de ciência e de verdade
Não vergam o meu espírito teimoso
De incertezas e mistérios profundos.

O que me chora é o teu sorriso terno
À noite ao entrar e o beijo doce
Dos teus lábios macios e mansos.
O que me dói é a tua voz clara
Nas manhãs de sol a chamar baixinho
E o afago meigo da tua mão na minha.
Seria feliz mesmo que não existisses
Porque para mim estarás sempre comigo.

Quando escuto a passarada nos galhos
E o vento calmo sopra de norte,
Vens com ele e cantas na minha árvore
Frente ao lar que construímos
Para abrigar o nosso amor nas noites de Inverno.
Por isso nunca me esqueço de lavar a face
E não dormir com a carteira e os livros.
Ao chegares não me apanharás de porta fechada.

28/03/1988

IV

Um vizinho morreu.
Morreu como todos morrem:
Coração parado, estendido, nulo.
Foi honrado pai e marido.
Fartou-se de ser pai e marido, desejoso
De nascer outro sem filhos e mulher
Para sustentar, aborrecer e amar;
Desejo de não ter amigos importunos
E oportunos.

Enfastiou-se de tudo e nada.
Foram duzentos para o insecticida,
Morte barata nos tempos que correm.
Tornou-se azul,
Acabou roxo de mãos na garganta.
Um fora que deu ao mundo.
Rompeu, está agora onde ninguém anda,
Esquecido,
Se é que o nulo se pode esquecer.

28/01/1987

V

Poderosa força na rua da solidão.
Que farei no campo do jogo da vida?
Que posso tirar dessa força, ódio a quem?
Ajuda ao pobre que sou desde que nasci numa cama
Que nem era cama mas mãos duma parteira?
Eu gosto dos meus olhos estreitos e negros
E do cabelo que cai folhas de Outono.
Gosto das minhas mãos deformadas pelo trabalho
E da mulher esperando em casa que eu chegue,
Dos petizes que me abraçam e puxam a barba.
Gosto do sol e da noite, pois é o sol que dá sustento
E a noite o descanso.

Não sou apenas cabelo, mãos e olhos.
Sou mais e esse mais é-me insuportável.
Insuporto ver-me cansado e feliz no meu canto
De homem honradamente comprometido.
Anseio estar para além do que me cerca,
Sobrepor-me a este assento
E avançar para a distância.

15/06/1987

VI

Queria deixar uma mensagem
Daquelas que gostamos de dizer aos amigos
Antes de partir.
Eu conduzo um automóvel.
Ele faz parte de mim quando o dirijo.
Corre veloz e nunca me deixou ficar mal.
Uma grande sorte, este meu carro.
Bem, certa vez furou um pneu
E foi-me abaixo na auto-estrada.
Mas quem hoje não tem deslizes?

Motor de dois carburadores, um turbo.
Come que se farta. Não me importo.
Eu também como o que me apetece.
O que não me apetece guardo ou deito fora.
Mas isto não pertence à mensagem.
A mensagem que realmente queria deixar
Era esta: Não deixes na garagem
O teu automóvel sozinho.
Ao partires, parte com ele.

22/06/1987

VII

O carro numa rotina
Garagem abre portão fecha portão
Todas as manhãs à noite
Chova esfrie vente neve
Porque o carro esse
Deve ficar a seco
Fechado dos ladrões e do frio
Não vá fazer-lhe mal
À chapa ao motor.
Para o carro todas as atenções
Banhos de champô limpa-vidros
Cera de brilho escova de estofos
Verniz o *tablier* um mimo
Jantes especiais
Eternidades se perdem à volta dele
E até se chora se sofre um arranhão
Ou alguém lhe bate na traseira.
Um nunca acabar de cuidados
Que não damos a um filho
Porque esse é de carne
E não custou dinheiro
Nem foi preciso pedir empréstimo ao banco
Ele veio gratuito e chorão
Abalar alegrar interromper a vida.
Mas o carro leva o melhor quinhão
Porque sempre fiel
Não responde torto
Nem se mete com a filha do vizinho
E a engravida.
Bom filho o que eu comprei.

VIII

A ideia de rabiscar qualquer coisa,
O prazer de gritar frases hilariantes.
Sou um *seco e estéril monte*.
Vou no carro a baixa velocidade,
Estrada esburacada e cheia de curvas
– As estradas da velha Lusa.

Se quisesse parar na berma,
Puxar de papel e escrever não sei o quê,
Fá-lo-ia sem esforço.
Mas prefiro, acelerador ao fundo,
Gozar esta brisa que entra pelas janelas,
A sensação de ver que tudo foge.

E eu fico, num onde sem nome.

16/08/1987

IX

Um mosquito rabeia na mesa.
Atacou-me, esmaguei-lhe as asas.
Tropeça nas antenas
E quer levantar-se nas seis patas.
A força esvai-se, cai desfalecido
E exala o último suspiro
Face à pressão do meu dedo.

Uma borboleta procura a luz.
Passou rente ao meu nariz
E foi chocar na lâmpada do candeeiro.
Queimou as asas amarelas
Tão lindas fugindo ao castanho:
Repousa agora a sua desgraça.

Uma sombra atravessa a parede.
Sou eu disfarçado de mim.
Rabeia como o mosquito
E até dança como a borboleta
Que procura a cor e a luz.
Fundiu-se no escuro da sala,
Um mundo enorme sem portas nem janelas.

19/08/1987

PARTE II

I

Durmo com o rabo colado à cadeira.
Que mais poderia fazer senão dormir,
Dormir profundamente sem ter a consciência
De que durmo em hora de trabalho?
Não morro de fome nem de cede;
Tenho amigos, influências, cunhas.
E sou indispensável demais para que me despeçam
Por estender as pernas na secretária.
Eu sou importante!
Pedem-me conselho e tenho conta aberta num banco;
Sócio honorário do Sport Club do Carvalhais.
E até já escrevi uns poemas pró jornal da terra.
Por que não hei-de dormir tranquilo?

17/09/1987

II

Era tarde quando saí do emprego.
Gastei o tempo a fazer bagatelas.
Que haveria eu de fazer num emprego onde nada se faz?
Aproveitei-o como pude e já vamos indo.
Há dias em que nem posso aproveitá-lo como quero:
Vem sempre algum bafiento protestar aos Serviços,
apresentar queixa.

E eu bocejadamente escuto até que ele parta,
Contente por berrar contra os Serviços, aliviado.
Um relatório para a direcção que nunca lê
E assunto encerrado.
Mas sempre dá trabalhadeira:
Na direcção só aceitam relatórios batidos à máquina.
E vou batendo, tarde fora, a queixa impertinente.

A visita de um amigo é motivo de alegria.
Cavaqueia-se um pouco, passa-se tempo.
E é bom que o tempo passe
Para chegar depressa a casa e fazer serão com a família,
com a mulher!,

Que os filhos já não dão valor a isso.
Preferem o café ou ir ao cinema ver porcarias.
(Não digam nada, mas eu também as vejo.
Quando há zanga em casa e ela não quer coisa...
Um homem de respeito também escorrega.)
Mas que essas porcarias não deveriam existir, concordo.
Corrompem e desencaminham a juventude.
Ah!, se eu fosse governo!...

E teria lá chegado, não fossem os desvios do mundo.
Fazia parte da junta de freguesia,
Era o tesoureiro... Houve problemas e demiti-me.
De minha livre e espontânea vontade, note-se.

Agora estou numa cama com ela a ressonar ao meu lado.
Cheguei tarde, jantei tarde.
Foi a visita ao Celestino,
O presidente do Sport Club do Carvalhais.
Moeu-me a cabeça com uma proposta.
Quer mudar a equipa e eu sou a pedra de que precisa.
Dir-me-á depois o que me reserva.

Duas horas a mais metido no detestável escritório!
E vou pensando, noite dentro, nestas e noutras coisas
Que eu sei nada adiantarem para mim.
Quando não se tem sono é porque já se dormiu.
Amanhã nos Serviços passo pelas brasas.

18/09/1987

III

Que raio de raiva me atormenta hoje!
Saí da cama sem pregar olho.
Não tenho problemas que me possam tirar o sono,
Estou bem comigo e com os amigos
(Os inimigos não contam porque já sabemos o que são).
Fico estendido a olhar o tecto que não se vê,
A congeminar possíveis descabros na vida:
E se me acontecesse isto, e se me acontecesse aquilo?
E não pode ser, pois o importante é viver agora.

Ontem pensei que me estavam a assaltar a casa.
Levantei-me, peguei na arma e percorri-a cauteloso
Esperando movimento suspeito.
Era imaginação desta riquíssima massa encefálica.

Hoje tive fome, mesmo fome.
Ataquei o frigorífico e desopilei o gasganete
Daquela secura tão característica do desfastio.
O frango a seguir dava voltas ao estômago
E eu pela casa ruminando.
Agora estou com este raio de raiva
Contra o ventre e contra o frango – bastante apetitoso –,
Contra a mulher que rressona,
Contra mim, desgraçadamente contra mim.

22/09/1987

IV

Um fim de semana como outro qualquer.
Fui à igreja de manhã com a mulher
– Não fica bem faltar ao culto –
E de tarde ao futebol ver
O Carvalhais perder quatro zero.
Uma vergonha vergonhosa!
E a culpa é do treinador.
Eu bem disse ao Celestino que o treinador
Era mais cantiga que técnica.
Agora querem rescindir-lhe o contrato.
Vão pôr o homem com as calças na mão.

Mas a equipa assim não está bem.
Talvez se eu fosse o treinador lhe desse um jeito.
Eu fui um grande jogador!
Chamavam-me até o biqueira de foguete.
Era um avançado perigosíssimo.
Quando chutava, tremiam as redes.
Depois casei e fui desleixando as biqueiras
Para treinar outro desporto.
Se demitem o treinador,
Ainda lhes posso mostrar o que valho.
Que força de vontade é coisa que me sobeja!

Um frango no churrasco, uns finos
E foi assim que celebrei os quatro a zero
Neste fim de semana como outro qualquer
Por não poder ser doutro modo.

24/09/1987

V

A mulher anda mal: «Dói-me isto, dói-me aquilo,
Ai querido que eu morro, ai homem faz-me um chá!»
Tretas manhosas que vão incomodando o sono
E a vida de todos os dias.
Levei-a ao médico, desensaquei a carteira
Prà consulta e prà farmácia.
Uma ladroeira a saúde nesta terriola à beira-mar
Que dizem de bom sol e de bons ares.

Anda ela agora a curar a doença que não tem
Atulhando as tripas de comprimidos.
Manias de mulher que gosta de ocupar-se
Mesmo com doenças hipotéticas.
Eu nunca estou doente!
Nem falto ao emprego por emborcar um copo a mais.
Era o que faltava o Teixeira ficar de cama
Atacado por um vírus qualquer!
Eles não querem nada com o Teixeira.
Está imunizado contra tudo.
Até contra a tentação do sonho de querer sair por aí
Como um mendigo a correr mundo.
Sonhos de rapaz e o Teixeira já não é rapaz.
Já não é rapaz... E que saudade!

26/09/1987

VI

O Celestino veio ontem falar-me.
Problemas no Sport Club do Carvalhais.
Quer rescindir o contrato do treinador
E já pensou no novo homem. Fiquei entumecido de vaidade.
Podia contar comigo, disponível a cem por cento.
Satisfeito agradeceu-me a boa vontade
E convidou-me então para dirigir
O bar do Carvalhais...
Que tem funcionado muito mal,
Que falta dinheiro, que desaparecem garrafas.
Eu era a única pessoa séria indicada.
Que tinha a certeza de que me daria bem.

Diabos o levem com a sua certeza!
Que pensa ele que eu sou?
Algum tasqueiro de servir borrachos
Depois de um jogo de futebol falhado?
Pró raio ele mais a proposta!
Era o que faltava andar agora de chave na mão
A desarrolhar garrafas de cerveja.
Muito amigos mas que não contasse comigo.
Fosse bater à porta do Baptista.
Aceitaria de certeza e é pessoa mais indicada.

Que não, que esse será o novo treinador.
O quê?! O Baptista o novo treinador?!
Que sim, que não havia pessoa mais experiente.
Pobre Sport Club do Carvalhais!

José Leon Machado

Olha aquele enfezado a treinador!
E eu? Resta-me o sonho de chegar a isso
E a chefia do bar que não aceito.
Porque eu ainda tenho um pingo de brio.

29/09/1987

VII

Que grande porcaria a vida!
São mais os dias de tristeza aos de júbilo.
Hoje não apetece viver.
Preocupações por tudo e por nada,
Um caminhar contínuo sem saber onde amainar.
Já lá vão as épocas do amor
Quando o peito arfava e tudo era cheiroso e bom.
Agora a mulher enfeiou, está gorda,
Insuportavelmente chata.
A mim vieram-me as rugas, o cabelo branco
E, pior do que tudo, este pessimismo,
Letargia das mãos macias e do coração duro.

Os filhos já não amam os pais
E eu não me importo.
Cresceram, são senhores do seu nariz,
Não precisam dos meus conselhos, só do meu dinheiro.
Falar com eles numa conversa séria?
Os velhos não sabem nada e são parvos!
Sou parvo. Sou mesmo parvo.

03/02/1988

VIII

Saí a dar um passeio pela cidade,
Deixei a mulher na casa de uma amiga.
Queria dar duas de conversa, que desse três.
Sinto o espírito cansado a olhar as montras,
Ver preços, coisas que já não interessa comprar.
Não, compras supérfluas não faço.
Dois fatos, três par de sapatos e um de botas
São os meus gastos anuais.
Comer bem, como. É o melhor que se leva deste mundo.

Parei no jardim onde a conhecera.
A tarde mais alegre de toda a alegria que eu tive.
Um catraio a experimentar..
E é com ela que vivo o resto dos meus dias.
Foram trinta anos e não valeu a pena.
Os dias perdemo-los na lida:
O trabalho, a educação dos filhos, os outros.
Não houve tempo para nós e agora é tarde.
É tarde. O sol desprende-se e cai para ocidente.

Adivinho excitação nos que passam.
Eu passo sem excitação no meu vagar
Porque já cheguei aonde devia.
Daqui a nada vem a reforma do emprego,
Esperam-me os bancos do jardim
E o hipotético lucro duma funerária qualquer.
Se eu morresse já?
Mas não. Tenho saúde de ferro e coragem

Para enfrentar as horas que me vão sobrar.
O presunto não falta e há vinho nos odres.
É o que me incita a viver mais uns tempos
Para recordar o que poderia ter feito
E rir-me do grande engano.

25/02/1988

IX

Não sei porque razão, levantei-me contente.
Ouvi os pardais no chilreio
Da janela e o sol deitando os seus raios.
Abri-a e tudo era verde no quintal.
Variavam as rosas vermelhas
Que eu plantara no último Outono.
A única alegria que me consola
É tratá-las como filhos que já não tenho.
O estrume, o adubo, a rega
E depois vê-las crescer saudáveis.

Abri a janela, o sol entrou de rajada.
Espanta-me que tenha cantarolado
Ao desfazer a barba de um dia.
O habitual é eu estar carrancudo frente ao espelho,
Cortar-me e atirar logo uma carvalhada.
Hoje cortei-me e cantei mais alegre.
E isto assombra-me, porque eu quero ser como sou,
O mesmo homem de sempre.
As mudanças não são possíveis,
O sol é o mesmo e as rosas continuam vermelhas
E a nascerem da mesma maneira.
Por que haveria de mudar eu,
Agora que estou velho e parvo?

Era uma canção que me ensinara minha avó
Trauteada em romaria à Senhora da Saúde
Tão antiga, tão querida...
As lembranças assaltam-me e desespero
Como uma rosa a murchar no meu quintal
Sem água e o estrume que dão vida.

28/02/1988

X

A responsabilidade de ter um filho em solteiro.
Um deslize a que os novos estão sujeitos.
Mas o azar foi meu,
Que os amigos escaparam ilesos.
Alguma vez me bateu a sorte?
Se tenho poupanças, ganhei-as
Com o suor e noites sem dormir.

Um filho, carne desta carne,
Ir ao tribunal negá-lo.
Sabia lá se era meu!
Ela dizia que sim, gritava.
Tive de assumir e descontar no orçamento.
Nunca o vi, não sei quem é.
Talvez casasse ou morreu já, como ela.
Eu casei e estou morto há muito.
Aturamo-nos.
Não há rancores, desilusão.
Um olhar insatisfeito e triste resta
E o peso breve dos anos.

01/05/1988

XI

O tempo de amar terminou.
Veio o calor e adormeci
Com gaivotas brancas a dançarem
No extremo do cais.
Um domingo à praia apanhar banhos de sol
Que os de água já não são para a idade.
A mulher também veio
E regala-se à conversa com a vizinha,
Uma asquerosa da barraca ao lado.
Falam de croché e camisolas de lã.
Há que prevenir: ao calor sucede o frio.

O mar jorra frescura
E eu recordo dentro de mim
Um miúdo a brincar com as ondas,
Gritinhos de alegre maroto.
Amavam-se os pais, eles amavam-nos.
Agora sou eu pai.
Onde estão os filhos?
Cresceram, são do mundo.
Um espectro intolerável de velho
A ver a vida a esquivar-se muda.

As crianças atraem-me.
Mas quando quero esvai-se-me a coragem
De pegar ao regaço uma
E festejá-la como um avô ao neto.

O sol acaricia-me a testa nua.
Sou falho de cabelo
Não de tino e da força que faz pensar.
A juventude cercava-me a fronte
E o dia era como hoje.

Minha esposa, a minha amada,
Corríamos os dois pela areia descalços,
O primeiro beijo dei-lho ao pôr-do-sol,
Abrasara-nos o fogo da praia.
Por que penso e por que minto
A este coração de trapos?
O tempo de amar terminou.
Sobra uma saudade,
Única lembrança que me faz suspirar.

07/07/1988

XII

Ando comigo às costas
Como quem carrega um fardo
De demasiado peso para as suas forças.
Passar o fardo a outrem
Ou largá-lo à valeta do caminho
A ver se alguém o leva
Chamar-lhe-iam fraqueza.

Um velho carrega o seu e vai de besta
Memorando tropeços planuras
Que a vida trouxe e arrastou o tempo.

XIII

Farto farto fartíssimo!
A infância no sótão
Juventude no bolso arrumada
A caminho a velhice
E um azedo no trato.
Cansaço fadiga a vida
Raiva as pessoas.
Viver sozinho tem as suas vantagens
Desvantagem é a mistura
De cabeças contrárias
Gostos diversos inconciliáveis.
O leopardo corre as savanas
Solitário e feliz.
Para quê os amigos
Esposa amante filhos?
Nasce-se só
– Quando não há gémeos –
E assim se morre.

OUTROS POEMAS

Soltei da boca palavras que ninguém alcança;
Fiz-me para todos e vi desilusão.
Quem me entende?
O homem não entende o homem,
Não entende Deus nem o amor.
Crê num deus e ama
Sem saber o que é crer e porque ama.

Vi desilusão num dar sem receber.
Dei para que me dessem.
Que recebi?
Sou homem e amo e creio.
Creio no Deus bom que nada oferece,
E amo o que sou.

01/01/1987

UMA FOTO

Em flocos de brancura
Vem um pouco de alegria
À face, aos lábios
Dos que vêm apenas água e sol.
Saltei também como criança
Perante o raro visto alegre.
Uma foto, dois sorrisos,
Bola na cara de um esperto
Que se ria
Daquele estatelado
No pátio branco escorregadio.

«Cem pessoas mortas hoje»
Informa a Lusa por telex.
O frio arrefece, corta, gela
E alegro-me com a brancura,
Suspiro de algo já esquecido.
A Europa dança
Para não cair gelada.
E eu, no quente sossego,
Escrevo deliciado
Olhando alegria e morte
Trazidas do alto, a neve.

15/01/1987

I

Flor longínqua entristecida
Amando um já,
Sentindo-o seu colado ao peito.
Não ames um desconhecido.
Ele só te acha bela
E não quer que tu o lembres.
Não é ele que tens colado ao peito:
É um sonho apenas.

Flor longínqua descolorida
Alegre que ele volte
Olhando então feliz, contente.
Não volta, além de si ficou.
Perdeu-se na floresta
Duma enorme cidade cinzenta.
Ficas tu e a ideia que chegará
Num dia de repente.

30 /01/1987

II

Aquela que eu amo era longe.
Contudo vive aqui dentro de mim.
Meu bem, flor de Inverno e Primavera,
Esquecida jamais do pensamento,
Teus beijos trouxeram-nos o vento
Mandei-os eu pela pomba escura
Farto, roído pela amargura
De ver-te longe, meu tormento.

A distância mata, queima e sofre
O homem apartado do seu outro.
E o outro és tu, meu bem amado,
Flor de Inverno e Primavera
Construtor de mim, de ti, de nós,
Destruidor de sonho e de quimera.
Existo eu e isso importa,
Existes tu e o amor surgiu.

06/02/1987

III

Teus olhos confusos
Abraçaram de alegria
Os meus tão escuros
De amor, de paz.
Abracei embebido em ti,
Achei o que desde nunca
Era meu, de alguém.
Não esperes, entra!
Eu estou.

12/02/1987

Arrumei com meus fantasmas
E novo alento surgiu.
Pode cair em cima o mundo,
Explodir o céu, as nuvens,
Abrir-se a terra, rebentar vulcões,
Secar as águas, encher os rios,
Comer-me os bichos,
Traçar-me a carne.
Sou forte, não vacilarei.

Quero viver porque vivo.
O sol é minha estrada.
Sigo a luz de olhar aberto
Ela não cega, aquece apenas.
E vou em cima dos meus passos
Roubar a paz.
Predeu-a um mandarim
Num castelo muralhado
E anda solta a besta
Fera do ódio, da discórdia.

Sou forte, não vacilarei.
Sou forte.

13/02/1987

Preciso odiar-te.
Impossível continuar preso
A um tu que já nem conheço.
Afasta-te! Fora dos meus sonhos!
Não podes prender-me.
Só Deus prende.
E tu não és Deus.

Um sorriso, um cabelo,
Como esquecer? Como não pensar?
Recalquei.
Sonhei noutra e era em ti.
Abracei, beijei aquela e eras tu.
Vai-te embora!
Quero-te... longe!

Morreu alguma coisa em mim,
Uma névoa esconde.
Morreu e ficou,
Destroços, pedaços de amor.
Já não servem.
Sirvo eu para tapar buracos
De vias de gente, agora.

23/02/1987

Eras salgado ó mar
E agora és chumbo.
Eras azul ó mar
E agora és negro.
Restos de um mundo,
Resíduos da asneira,
Estupidez humana.
Não morras, vive.
Os peixes, as gaivotas
Precisam de ti.
Só tu alimentas,
Só tu dás vida como o sol.
Por que ta tiram os homens?
Não morras, vive.
Onde estão as lágrimas
De um povo
Tantas vezes choradas?
Agora são lama
Fedorenta e suja.
Aguenta, mar aguenta!

23/03/1987

A doação de um sol
Que liberta
Prendeu-me
Na cadeia de amar.
Partilhei-me
Gostando o amor,
Conheci-me
Descobrimo o caminho,
A estrada
Que percorremos
Mãos dadas ao infinito.
Um estar, tu e eu,
Com o meu e o teu olhar,
Descontenta
Em brasa leve
Tal sol brilhante
E quente, o amor.

06/04/1987

Um dia amei.
Não um dia de todos os dias
Mas um dia que não houve outro.
E hoje recordo.
Ficou ele e um pouco de amor
Se é que o amor tem medida.
Prolonguei-me no tempo
Abracei-a no sol
E no céu sem sol.
A rua de todos era nossa.
Havia ela e eu
Nós
Olhos nos olhos.
Juras? Não, nada de juras.
I love you? Nada disso.
Voar.
Voámos um no outro
Superámos-nos e fomos um.
Agora é recordação
Pois eu sou e ela não.

07/05/1987

Queres ensinar-me a voar?
Voar mesmo, como os melros.
Sabes que os melros voam,
Fazem ninhos e põem ovos,
Uns ovos pequenos e azuis.
E vivem para os ovos
Enquanto os miúdos não rebentam a casca.
Depois é a canseira de alimentar.
De asas abertas iniciam-nos no voo.
E os petizes planam também.

Eu sou um petiz que ainda não sabe voar.
Não encontrei quem me ensinasse.
Sei como se voa;
Tenho é medo de abrir as asas.
Queres tirar-me esse medo?
Contigo junto o receio será coragem.
Vem, ensina-me e haverá quatro asas
Planando contra o vento.
Vem, saíamos do mundo.

20 /05/1987

As novas para contar
A quem quiser ou não ouvir
São velhas recordações
Vestidas de sarro e rapina
Feitas pelo tempo de agora
E no antanho vividas.

Perdi o ser mais belo
Calcorreei tentando esquecer.
Esqueci apenas a alegria
E fiquei na tristeza
Nesta estúpida tristeza de esperar
O que não virá.

O ser mais belo, cabelos de terra,
Face de lua, seios de mar.

26/05/1987

Testa caída sobre a mão
O tronco dobrado na mesa
Pés estendidos
Cabeça sonhando o mar.
Tu e ele, peito no peito,
Fazendo dos sonhos um sonho.

Rebentou Deus numa flor
Pequena e vermelha.
Cortou a flor e seguraste-a nos dedos.
Beijou-te a fronte
Foi contigo ver as ondas do mar
E o que não era mar.
O sonho também não era sonho
Mas vida.

30/06/1987

Faz vento.
As nuvens correm para o norte.
A água agitada
Balança os barcos
De ricos
Que gozam férias na costa.
O meu barco,
Feito de rocha e de cinza,
Parado no vento,
Imóvel no tempo,
Solta poeira
E resiste à loucura
Dum dia não mais existir.

Moulleau, França, 19/07/1987

Deixou de se ouvir o vento,
Sobreveio uma calma aterradora.
Habituei-me ao zumbido
E não posso com o silêncio.

Montei um jumento de pêlo cinzento,
Trota vagaroso nas pedras do caminho.
A água corre no caleiro,
O dia está de sol.

Umas cuecas secam na varanda
Da casa que é uma árvore,
Uma árvore de folhas e portas.
Espreguicei os dedos e cantei a melodia do mito.

Rasos de lágrimas os porcos riem,
Entrei na pocilga inchado de vaidade;
Comi farelo e bebi lavagem;
Quebraram-se os dentes, ri sem eles.

(O mito do porco horripilou
Aqueles chegadíssimos amigos
Que nada entendem e dizem que sim.)

Ó raio de vento, volta para cá!
Não ficarei só outra vez;
Arranjarei um vento novo que não me abandone.

Vale de Janeiro, Vinhais, 28/08/1987

Paira a lua
No meu coração.
Entrou pelo olhar
E trouxe-me ela
Que eu vi hoje
Assombrosa e bela
Sorrindo sempre
A descer a rua
Como agora a lua
No meu coração.

23/09/1987

Ansiei ver-te nos meus braços.
Não fiz nada para isso,
Antes corri guloso para outra
A buscar efeitos do prazer
Tão falso e curto no tempo.

Quando a vi eras tu ali
À espera de quem não vai.
Quando a vi eras tu aqui
À espera de quem já foi.
Não foi nem vai, só espera.

06/10/1987

A maior decepção desde que existo:
Descobri ser um homem livre
Ao apanhar na cara uma bofetada
Da mão de uma mulher.
Desapareceram sonhos e monstros,
Pensamentos dolorosos e bons até.

Fiquei apenas eu de pé na rua
A sorrir aos sapatos de couro fino
Com a mágoa do vazio cá dentro.
Perdi tudo o que me restava,
Sobrei livre como pomba nua
A tremer de frio à chuva fria.

Perdi tudo o que me restava.
Homem livre na estrada de nada me achei
Nesta desgraça de pedaço de Universo.

14/10/1987

Fechei os olhos e entrei no infinito:
Subi à lua ontem pela manhã
Dentro de um barco sem velas nem remos.
Embaciei os olhos nas nuvens brancas,
Toquei nas estrelas e saudei o sol.

Em baixo os homens nasciam.
Depois matavam-se e fiquei confuso.
É que eu também morri
Torturado pelos algozes do meu país
Porque amava ser livre e puro.

Entre no infinito de braços caídos,
Os braços dum corpo de luz e brisa
Num barco doirado de sóis.
Chorava muito e as lágrimas de prata
Formavam a torrente que lançava o barco

Para a frente, para a lua, para o alto.
Abro os olhos e é uma grande cidade.

22/10/1987

O calor desceu do sol num dia frio.
Saí à rua para receber na face
Esse calor que me recorda uma mulher
Um dia caída nos meus braços
Perto da distância sem ocaso.

As mãos meti-as nas algibeiras
Com medo de que o sol as visse
Branças da inércia instalada.
Mãos de homem são as doiradas pelo sol
Duma jornada dura a cavar pedras.

03/11/1987

Imbuído em ti fiquei
Hoje ao sair do meu mundo.
Deste-me força e coragem,
Alegrei-me nos teus olhos
Tão negros e meigos.
Não te conheço ainda,
Sei que existes por aí.

Encontrar-nos-emos um dia
Numa rua, numa esquina,
No coração que temos.
E eu espero sem pressa
Porque virás de certeza
Lembrar-me a palavra amor.
Como agora, seremos um.

12/11/1987

SOL ORIENS

Entraste pela minha janela sem vidros
E eu estremunhado acordei
Com a tua face doirada na minha.
Sonhara noite fora e vieste
Donde só existes tu a sorrir.
Levantei-me e longamente me abraçaste
Como se há muito não nos víssemos.
Aqueci nos teus braços de fogo
Restando tonto e calado
A sentir-te no meu corpo.
Foi-se a noite, vieste tu.
Nasci de novo e saí para a estrada.

07/12/1987

O MESSIAS POBRE

Vieram pastores e reis
Para me verem deitado
Pequenino em palha nu
Aquecido pela miséria
Da bondade do amor.
Trouxeram-me a humildade
E a lisonja a um grande rei.

Dedo na boca sorri-lhes
Moreninho, agradecido
E disse no meu silêncio
De ternura todo róseo:
«Eu sou deus e vós sois homens.
Sou maior? Não sou, sou pobre.»

11/12/1987

Para que te quero
Livro vão?
Que me podes ensinar?
Eu sei tudo
Conheço os homens.
Não me enganas
Com tretas bonitas
E redondas.
As ideias não são sabedoria.
A sabedoria sou eu.
Tu és um livro,
Matéria morta.
Que pode uma matéria
Morta saber?
A inteligência está nos vivos.
Peguem-lhe fogo!

15/12/1987

Murmúrio do pensamento e dos sentidos
A careca de um homem horrendo floreado no peito
Era a morte que o espreitava aterradora
E a Primavera a dançar campos e montes
Comigo de cabeça rapada a marchar um-dois
Memória num murmúrio de amor à rapariga
Que ainda não conheço bem mas sei que é.

Por que haveria de beijar a terra
Os lábios do sol e das nuvens?
Por que haveria de restar com o meu desejo
De provar o vinho novo antes do Outono?
Cai em mim descontraído, os sapatos impecáveis
Ao lado dos meus pés cansados da jornada inútil
Para fazer o bem àqueles que não merecem.

Mas que fiz eu de bem ou de mal
Que grande e importante acto desferi
Sobre a Humanidade doente a precisar do meu braço?
Atirei bocejos graves para o ambiente
Sentado num cadeirão marfim africano.
Atira-te ao mundo como cão raivoso.
Beija a terra, beija a moça, beija as nuvens.

15/12/1987

Afogados no mar alto por estúpido acidente
– Os acidentes são sempre estúpidos –
Bombas postas em supermercados e comboios
O sangue de inocentes – todos somos inocentes –
Espezinhado, enegrecido na terra hostil.
Quanta fome no meu coração e na boca
Dos que nada têm para comer! E fala-se
De superprodução, de excedentes na agricultura.

Não quero palavras de consolo e belos discursos
Como este, tão rebuscado em ideias de treta.
Quero música, um concerto no maior estádio
Do mundo, o próprio mundo a tocar cantando
A mudança necessária já, porque logo é tarde.
Dançaremos todos e haverá água pura
Calor de homens que se abraçam chorando a paz.

24/12/1987

Dear qualquer coisa
Em qualquer lugar
Fora desta cidade:

As casas são frias.
O ar condicionado aquece o cimento,
Não aquece os corações.
Revejo o ano a terminar.
De alguma coisa valeu
Tantos dias gastos
A fazer o que devia
E o que não devia.

Não sou perfeito
E meto às vezes o pé na lama.
Desejava que fixasses
Para me recordares mais tarde
– Esqueço-me depressa –
Certos propósitos para a vida,
A minha vida futura:

Fazer o que penso
E deitar o que não penso mas digo
No caixote dos papéis
Junto com as manias
De querer ser grande
E melhor do que os outros.

31/12/1987

*Poesia das Mãos
Fechadas*

1988-1989

NOTA

Os poemas que compõem o capítulo *Poesia das Mãos Fechadas*, e que dá o nome ao livro, foram escritos nos Açores, na ilha Terceira e no Faial, entre 1988 e 1989. Os poemas que compõe o capítulo *Rasto de Suspeita* inserem-se no âmbito do início do serviço militar obrigatório e foram escritos ora em Mafra, onde o autor fez a recruta, ora em Braga, em 1988. Os poemas que compõem o capítulo *Nitrato de Prata* foram escritos após o fim do serviço militar e fazem a ponte para aquilo que o autor viria a escrever depois. Dos oitenta poemas escritos neste período, salvaram-se os fragmentos dos cinquenta que aqui são apresentados. E mesmo sobre estes o autor tem dúvidas se o melhor não seria tê-los deixado naufragar por inteiro.

Encontrei um ninho de ratos
Medrosos numa perna das calças
Guardadas no armário
Do quarto onde durmo
E passo as noites de insónia.

Tive pena dos bichos,
Mandou-me contudo o bom senso
Lhes desse um radical tratamento.
Fugiu a mãe assustada,
Esmaguei os filhos franzinos.

Roídas as calças de ganga
Estrebuchei de raiva felina.
Fazerem-me ninho na testa
E rirem-se deste palhaço
Que tem nome de gente?

Angra do Heroísmo, 08/08/1988

Sou teu sem ser meu.
Rigorosamente esqueço
A lâmpada que me iluminou
E há muito me abrasou.

Uma cana de pesca
Que não pesca por de trás da porta
Esqueceu-a o homem velho
Que já não sabe pescar.

A roupa suja meti-a num saco
Para que não incomode.
Mas o saco está roto
E exala o cheiro a suor.

A roupa suja és tu,
Porque eu esqueço e não esqueço,
Estou livre e correntes fortes
Prendem-me à vida.

Sou o homem velho
E a cana de pesca é o amor
Que já não pesca.

13/08/1988

Dizem que estou doente
Mas eu não estou doente.
Perturbado sim, porque estou longe.

Bate-me o coração intranquilo
E as faces brancas
Destoam-me o charme.
Desliguei o mundo de mim,
Que hei-de fazer no meio da praça?

Voam pombas à roda,
Não sei aonde é o Norte
Ou a coragem de partir
Até ao vento que sopra
No interior da terra.

Dizem que estou doente.
Estou doente porque me deixaste,
Porque eu te deixei.
As pombas da praça vejo-as voar
E agarro-me ao chão.

18/08/1988

Recobrar o rumo que não segui,
Amanhecer tranquilo
Num gesto de quem sonha
As estrelas sobre as mãos.
A árvore mais alta faz sombra
E o passado está morto.
Hoje é outro dia,
Guardo na mala os trapos velhos.

Nasceu-me uma ideia brilhante.
Pegar num barco sem motor
E remar pelos meus pensamentos.
Quem sabe encontrarei ilhas
Que ninguém explorou?
A grande ilha que eu sou
Ligada a ti
Será uma península de amor.

29/08/1988

Tem espuma branca o pico do monte.
O meu espírito cansado
Diz que não é fácil
Ressurgir de um fumo de cinza
E deleitar-se na vida.
A vida é boa para quem não pensa.
As mentes atribuladas
Na sabedoria que nunca alcançam
Perderam o sentido.
A direcção dos simples
É a que está certa e conduz.
Tem espuma branca o pico do monte,
Por que não flutuo?

06/09/1988

A noite no cais soturno:
Dois namorados a beijarem-se,
Um banco de jardim vermelho
E eu sentado nele.
Um lampião aceso dá luz
Para um cachorro que dorme ao pé.

Ninguém vê porque ninguém existe
Do outro lado da rua.
Tenho-me num céu de estrelas
E os namorados sobem à lua.
O cão sonha num osso que enterrou
Junto ao muro da casa.

A árvore frondosa esconde-me ao mar.
Os barcos atracaram todos
E o lampião brilha para aquele longe
Onde penso estar agora.
Queria partir sobre os meus pés
E ver daí o cachorro dormindo.

As solas gastaram-se e não sei nadar.
Como náufrago em ilha deserta
Espero a remessa de ovos frescos
E atum de conserva.
O peixe anda contaminado
E as galinhas não põem ovos.

Condeno-me por trazer o impermeável.
Não chove, não venta, onde está o frio?
Já não basta o meu espectro,
Ainda carrego roupa inútil?
O banco vermelho de jardim
E eu nele a tiritar de pensamentos.

08/09/1988

O ferrolho da porta mostra um pato
Com um peixe na boca à tona da água
Para me inquietar e fazer-me esquecer
Das misérias derretidas à luz da noite,
Um petisco da loucura que não tarda.
Recrudescer indolente uma ira divina
No fogo do braseiro que aquece a sala.

A Fénix renasceu e eu tenho os olhos vendados
Para não ver o livro da vida aberto
À frente dos mundos para lá das estrelas
E dos sonhos dos homens sensatos.
Os ponteiros rodam e a maquinaria
Bate compassada as horas da brisa que foi.
Escondi a frente nas mãos do crime.

Matei o meu amor quando a cegueira
Me guiou por sendas impenetráveis
E me convencia de que era fácil vencer.
Os atalhos levam sempre à estrada larga.
Aquele levou-me aos espinhos e perdi-me.
Atolei-me em vinho e vómitos
De velhos bêbados e crianças com azia.

Leite branco e doce na chávena florida;
Açucena branca e pura na jarra vidrada;
O perdão que desejo no bule de ferro;
Rosa murcha e triste ao canto da mesa;
O estado que me vibra e mata o peito.
O fogo consome, cheira a dor, cheira a amor.

21/09/1988

Faço ouvidos de mercador ao meu espírito.
Um poste eléctrico é vertical como a razão,
Alumia os becos, as esquinas à noite.
Gosto da escuridão fria como de uma maçã
E fujo da luz como o diabo da cruz.
Assim tenho pensamentos escuros
Que me fazem lembrar o que fui.

O meu espírito quer a luz benfazeja,
A verdade intrínseca de todas as coisas.
E daí que eu atine em escapar-me
Para a obscura noite das minhas ruas
E dos guetos fedorentos e sujos de porcaria,
Aquela porcaria de que afinal sou feito.

22/10/1988

Círculos e quadrados transparentes,
As pedras sem nada sem pó sem dó
Vendo a passagem das horas dormentes
Um agudo grito na ponta do apito
Acordo tremendo do jogo da vida.

Li um livro que falava de ti
Não de mim porque passo de fugida.
Falava dos dois num oceano dourado
E num espelho vi-me a ler-te a boca
De mel e fel a queimar-me os ouvidos.

Por que tão neutral sou e desgraçado
Quando respiro o aroma e os suspiros
Das flores do céu no sonhar das estrelas?
Que me interessa a fama e as coisas belas
Se a morte é já ali no virar da esquina?

Limpo ao rosto o lenço de seda
Para repousar a testa molhada
Pelo sol e as dúvidas que fervem,
Os escolhos que já não servem
No espírito ausente da longa estrada.

31/10/1988

Gela-me o corpo sob a chuva.
A alma há muito que é gelo,
A água escorre-me do cabelo,
Fecho os olhos para não ver.

O saco de viagem perdi-o na gare
De um país distante qualquer.
Visto sapatos e calças de aluguer,
Pus bigode e óculos do sol.

Agora não me reconheço ao espelho.
Deixei de pensar vermelho
E negro que ensombra a mesa
Dos meus propósitos dourados.

O céu vai caindo aos bocados,
Acabei com tudo o que é certeza,
Guardei saudades e dúvidas,
Gelado ganhei a tristeza.

05/11/1988

Quando o meu amor vem
E eu estou entretido a pensar
Afaga-me o rosto
De mansinho, com ternura.
Mas eu sou uma pedra
E não lhe dou importância.
O meu espírito estéril prefere
As grandes ideias sobre
O que não interessa a ninguém.

Dois periquitos choram
Num coro de missa de *requiem*.
Prendem-nos as grades de arame.
Eu olho-os contente
Por serem eles presos e não eu.
É aborrecido cantar numa gaiola,
A imaginação precisa de horizontes
Do tamanho do sol.
O meu amor aperta-me nos braços
E sou tão pequeno
Como um periquito.

14/11/1988

Porque os anos são dolorosos
E a alegria demora a chegar,
Porque a vida é uma balada,

Porque nascemos uma tempestade
De areia no deserto do mundo,
Porque somos ondas revoltas
Numa tempestade do mar alto,

Ó Deus, por que não sois homem?
Nuvens, escurecei as estrelas
E o sol do meio-dia pereça.
Não quero ver mais a luz.

01/01/1989

O ruído da alma das coisas a chamar
O homem que não vê.
Pintamos o mundo à nossa medida
E ele é o que nós desejamos.
Cuspir para a rua ou vomitar na parede
Cai mal ao homem de gravata.
Não é acto vil roubar o pobre
E explorar os braços dos que trabalham.

O que me importa sou eu e os dias
A passarem definitivos.
O que me importa é não ter
Dores de cabeça ao levantar.
Os outros que se chateiem pelos outros.
Ninguém ganha por defender,
Ninguém ganha por perder.

Chama baixinho por mim, cadeira,
E saberás que eu não oiço, que eu não vejo.

06/01/1989

A cama é estreita para o meu sonho.
Nem a terra nem o ar nem o mar
Preenchem o meu olhar.
Eu estou nas pequenas coisas
E com elas sou universo aberto.
Deixei crescer a barba, deixá-la crescer;
Vêm prender-me, deixá-los prender.

Um pijama e uma cuecas no varal.
Quem sou, espírito do mal,
Por que grito com dores nos pés?
Não há caminhos, há só montanhas
E estrelas a brilhar em mim.
Venci as ondas, ganhei a margem.
Que me resta senão a praia?

Escondo-me entre a folhagem
A ver uma ave do outro mundo.
São anjos, visitas que não existem.
Nos sonhos tudo existe e anda.
Para quê, papel higiênico,
Se não há nada para limpar?
Por que não me dão com uma pedra
Na cabeça? Talvez deslouque.

Vem mar sobre mim e dá-me um beijo.
Vem satisfazer o meu desejo de além,
Mostrar-me o encanto da ternura.
Ser pai é um mistério.
Quando se calará a incerteza?
Um sonho de gaveta, a cama é estreita
E a vida perfeita uma treta.

07/01/1989

Tenho a força da renúncia,
O desprezo dos conceitos
Parcialmente verdadeiros.
Verdadeiro sou eu e a força
Para fazer explodir o mundo
Num assombro de luz.

Mostrai-me a Primavera,
Estou farto de trevas.
Quando virá o meu salvador
Indicar-me a morada?
Limparei as unhas
Do meu lixo.

Mas a força não é perfume.
Cheira a suor e sangue
Coagulado e seco da luta.
A energia move o céu,
O céu movo-o eu na mão
Como bola de bilhar.

A minha vontade é energia
E eu quero tudo abarcar.
Se ao menos pudesse levantar-me...

11/01/1989

Apetece começar do nada,
Construir a vida como uma casa.
As laranjeiras em flor
Não se vêem no Inverno.
O caminho para o inferno
É a estrada da paz.

Por que neva no meu coração
E no dos outros não?
Porque sou louco
E oiço vozes que ninguém ouve?
Com uma folha de couve seca
Não se faz sopa.

O estrume fertiliza,
Mas a morte não dá vida.
Que ridículo começar de novo!
Deitem-lhe fogo.
– A quem? – À vida.

12/01/1989

Molhei a cara com lágrimas
Porque me sentia seco.
As noites fluidas de calor
Não as quero para as minhas noites.

Habituei-me ao frio das pedras e do vento,
Quero ficar só num lamento surdo
De ter perdido o rumo do sol
E o brilho da estrela polar.

A melancolia abeirou-se,
Não oiço a voz das coisas estranhas,
Tenho gelo nas minhas entranhas.
Que é de ti, alegria, para eu sorrir?

13/01/1989

Enlambuzas-me a face de amor
E eu sei que agora vivo.
Tantos dias, tantas noites perdido
E foste encontrar-me no peito,
O sítio onde eu sempre estive.

Preciso das tuas mãos para ver as minhas,
Sentir-te o peito para ouvir o meu.
A tua margem sou eu,
O rio passa-me de leve
Pela alma calma, breve.

15/01/1989

Um estado de aniquilamento
Como quando alguém se liberta
Duma espinha cravada na garganta
É o que me vem hoje.

Nem dor nem amor nem pena.
Só o vazio de qualquer coisa
Importante talvez inútil
De que já perdi a memória.

18/01/1989

O amor para te dar não sei onde o buscar.
Por fora visto-me de cinzento e de negro por dentro.
Quando o carro do lixo passa vagaroso
Larga o perfume do nojo.
Quando passo eu fica apenas a ausência
Como se ninguém passasse, ninguém surgisse.

As mensagens de paz não são para o nosso tempo.
Viver, morrer, não há diferença pois tudo é morte.
E a tristeza montou acampamento
Nos terrenos alugados ao destino dos povos.
Se não fosses tu, a ausência ter-me-ia levado
Para aquela terra que não é terra nem céu.

Faço música por te escutar na estrela do dia
Dentro do meu corpo, no corpo das coisas.
Há muito me trouxeste a paz repousante.
Não soltes as espias, agarra-me para que o vento
Passe e eu me sustente diante do mundo.

No armário da alma guardarei o pensamento
De como cresce a beleza do teu sorriso.
Mas o armário não tinha porta e fui roubado,
Fui roubado e agora estou satisfeito, o teu sorriso
Já não me assola, já não fico incomodado nas noites
Em que passo a olhar o mar e o mar dormindo.

10/02/1989

As minhas mãos doem por te tocarem.
Quando o vento sopra ligeiro
O meu corpo inteiro arrefece,
O teu sorriso que perdoa e aquece
Mistura-se nos meus lábios de fogo.

Vou querer-te quanto me desejas
No apelo de um encontro para breve.
Um burro zurra e não é a minha voz
Porque eu não tenho voz nem sei zurrar.
O relógio bate e o tempo marca a distância.

14/03/1989

No meu caminho ninguém se meta
Sou robusto e forte, uma árvore larga.
Na floresta nasci e me criaram,
Quem ousará levantar a mão e censurar-me?

O parafuso derradeiro do chão apertei-o
Com uma chave de fendas de plástico.
Manifesto a força e a rebeldia
De apertar a mão aos que me dão a sua.

Não sei se tenho vontade de me erguer
Sobre a desgraça dos outros.
Cortinas verdes e um retrato fosco
Marcam o tempo de um passado glorioso.

Voltar a perder o sono?
Não voltarei a perdê-lo.
Paixão arrebatadora?
Sou robusto e forte, uma árvore larga.

16/04/1989

Os telhados vermelhos das casas
Que fito da janela faz algum tempo
Entontecem a minha razão formal
Transportam à sonolência da tarde.

Uma mulher lava as fraldas do menino
Que dorme sossegado no berço
A avó faz meia para o Inverno
Repousa no seu regaço um sorriso.

O homem ouve o relato de um jogo
Pela radiola atroando solitária
E eu fito os telhados vermelhos
Como quem vê o coração a sangrar.

03/05/1989

Tiro os óculos e massajo os olhos
Cansados da leitura do jornal.
A arte, a cultura não me interessam.
É a vida que me chama com pressa,
Não vá perder o último expresso
Da noite dos meus dias.

Tiro os óculos e massajo os olhos
Como que a dizer um derradeiro adeus
A um pensamento antigo.
A cruz da minha mesa burocrática
Enchumada de papéis inúteis
Brilha num sorriso para o meu rosto.

08/05/1989

RASTO DE SUSPEITA

Vem dizer-me coisas bonitas ao ouvido.
Sou uma criança que gosta de canções de embalar.
Eu quero morrer porque não gostas de mim.
Eu gosto tanto de ti e não fazes caso.
O meu Amor é cego como eu.

Ó Amor, por que choro sentado à janela?
Tu não passas em baixo e eu espero,
Anseio ver-te passar na minha vida
E ficares comigo, os dois à janela.
Mas tu não ficas nem passas.
Que vou fazer do meu coração?

Vem dizer-me coisas bonitas ao ouvido.
Preciso tanto dos teus braços macios.
Repara que eu não estou a sonhar alto.
O Cupido atingiu-me, o malandro,
Pôs-me rastejante de dúvidas a teu respeito
E uma grande curiosidade.

Vem dizer-me coisas bonitas ao ouvido.
Baterei palmas como as crianças.

21/01/1988

Campo de trigo verde e ralo
No Inverno da minha jornada.
A merugem abandonada,
Pardo o céu e fria a terra.
Quem sou eu na estrada de nada
A descer a serra, o mar azul
Navegando sem barco e rumo?

Meu amor me deixou só.
Envolve-me a noite e fumo.
Estacionou-me esta tristeza
Na avenida larga e escura
Dum coração que tenho de homem.
Meu amor me deixou só
Uma tristeza, uma amargura.

28/01/1988

Um momento de sossego para reflectir,
Buscar-te nas minhas recordações.
Os amigos desapareceram.
Eu desapareci neles, já não conto.
Agora és tu o importante e a minha condição.
Frágeis como a porcelana de Limoges
Ou o rútilo cristal de Veneza.

Um rapaz caiu nas pedras,
O sangue salpicou-me as calças de fazenda,
Indispôs-me para o almoço.
Escorria-lhe pela face e pelas mãos dilaceradas.
Uma moto, um automóvel, o descuido.
Mas o que realmente me incomodou
Não foi a cara macerada e as calças sujas.

Perturbou-me passares pelo meu espírito cego.
Venero a luz clara que és tu,
Uma recordação no bolso da camisa que trago.

10/02/1988

Roubado fui, roubado pela saudade
O pasmo de uma hora de desejo
Na noite longa a hora que revejo
Limite sem limites nem idade.

Reacende-se a chama da alegria
A rouquidão esvai-se em grito ameno
Despedi a tristeza em largo aceno
Cantei de amor ao sol na pradaria.

23/02/1988

O cão fareja a lua
Uma escuridão de azeite sobre a estrada
Escuridão.
Sobe uma paz triste
E sou eu que vou
O cão vem e já não fareja a lua.

Um barco com montanhas
E neve nos picos mais altos
A mão mirrada estremece
O cão parou
Fareja-me e eu não existo
A terra é o espelho do céu.

O meu rosto lavrado além
Os pés nos caminhos andados
Ladrou raivoso
E acarinhei-lhe o lombo
I can't punish it!
Os seus olhos eram lua.

25/02/1988

Illud me solatur quod a te diligor

Consola-me o teu amor.
Ofereci-te uma rosa amarela
A minha vida irreverente.
As pétalas murchas caem
O caule seco destoa.

Dá-me a tua frescura
E apaga esta sede que arrasa!
Escolheste errado o homem
Eu sou a miséria de ti;
Não reverdece o que seca.

Tua mão repousa na minha
Estou seguro em teus olhos.
Um torpor rodeia leve
Induz-me à grande verdade:
Existo porque me amas.

27/02/1988

Duas estrelas no deserto da noite
Assaltaram-me a alma e vieram
Derramar brancura na escuridão.
Sobre a cidade uma nuvem caía
A reluzir laranja e eu calado
Via a pomba branca cruzar-me
Para no céu mestiço asas bater.

Entornei vinho nas calças.
É uma grande alegria e eu sei
Que amanhã o vento não sopra.
Saíram perfumes de mistério
Da noite simples e pura.
As estrelas, o laranja, a cidade
Nasceram eu cheiroso e limpo.

04/03/1988

PARA A MORTE

No meu capacete de aço
Há um mundo de revolta
Pesa a opressão, a desgraça
E eu dobro a olhar o céu.

É duro, meu pai, é duro.
A tristeza vive em mim.
Estás longe e eu aqui
A marchar ao pó da guerra.

16/03/1988

O SOLDADO E A MORTE

Vi um raio de loucura
A desgraça do abandono.
Onde estás céu azul?
Seu teu filho.
Os tiros silvam já
Dá-me coragem
Para vencer a revolta.

Bebi e não comi
O pó da chuva
Na guerra dos homens.
Forcei as mãos
Cravadas na arma.
Destruir o outro
Roubar a vida.

Feri-me
E o sangue suja-me as botas
Engraxadas de negro.

19/03/1988

TELA NÃO ASSINADA

Aquele quadro sou eu a correr
Sob a chuva de tiros que matam
Os camaradas de guerra.

As faces sujas de cinza
Demonstram terror de infância.

A coragem levou-a o avião
A mergulhar no horizonte
Numa explosão de fogo e morte.

Deitei-me para não ver.

22/03/1988

A consciência, o peso de um povo.
Achei um trevo de quatro folhas
Não o encontro no meio dos outros
Perdeu-se da vista doente.
Minha avó o encontrou
De muleta apontada à erva.

Melodia de amor que foi
Carça de avião no campo florido
Desaperto o último botão da camisa
E respiro fundo o gosto a pólvora.
Na minha aldeia nascem os cachos
E a videira reverdece sem mim.

31/03/1988

Passarito pia pia
Enquanto eu aponto
Ao vulto atrás da moita.
Um perfume de tristeza
Rompe as narinas
E cantas chorando.

Cabelo dourado que mato
Continua azul o céu
O perfume é intenso
Estrondos de morteiro
Fazem pensar-me.

Tijolos aos montes
A casa caiu ao orvalho.
Caí eu e não há tijolos
Um monte de esterco
Que só sabe sonhar.

31/03/1988

Atravessou para a outra margem
Deste lado segui-a afundei-me.
Águas profundas não me sustive
Dois pesos arrastavam para baixo
Os quilos do meu nada.

Ela passou radiosa e seguiu além.
Eu emergi na areia grossa
E gasto o tempo a contar as trutas.
Não dei o salto agora é tarde
Não dei o salto suspiro não dei.

02/04/1988

Já não há flores
No jardim da história.
Tudo é cardos,
Campo negro do fogo
Que a vida acende,
Não a morte.

Vestido de novo
O fato velho de ontem
Aprumo a reviver
Um carro parado na berma
De ferrugem podre
Abandonado.

12/04/1988

Morto em defesa da Pátria

Pedir o que não posso é muito
Porque não posso.
O limite de ser é estreito
Cabe no peito
O remorso.

Sou uma vida incontida
Casa de tábuas.
O fogo a lava crestando
E chorando
As mágoas.

25/04/1988

Marmita vazia e suja
Quem a sujou?
Deitado pelo chão esfria
Quem o matou?
Um rumor de horror avança.

20/04/1988

Pedir o que não posso é muito
Porque não posso.
O limite de ser é estreito
Cabe no peito
O remorso.

Sou uma vida incontida
Casa de tábuas.
O fogo a lava crestando
E chorando
As mágoas.

25/04/1988

Cresce a noite
Estrada interminável
De uma viagem supérflua.
Ir para algum lugar
Destila um sono profundo.
Latas gaguejam sob os pés
As casas passam, as árvores
Um mundo que empurra.

E os olhos fecham-se
Cansados de não se verem.
Arroubos metafísicos
Touradas racionais.
Há muito sou o que não era.
As latas gaguejando torcidas
E eu parado subindo a estrada
Porque me levam.

07/05/1988

Descida longa longa subida
Rebentado joelho e bolhas nos pés
Um vento frio da noite informe.
O pensamento para lá da encosta
Em ti e no que foste em mim.

Não são as dores do joelho, a doença.
É a tua ausência – Já não conto.
As crianças contam para as mães.
Não sou criança, não há mãe.
Silhueta na marcha, sombra que passa,
Roubando a paz que mereço.

Agora chove fora e dentro de mim.
A saudade dissolve e vai-se.

12/05/1988

Parece que não sou eu a habitar-me.
Corroeu-me o passado
Desapareço bocado a bocado

Túrbido arranco ao silêncio
Um quinhão de protesto
Para continuar no embalo da vida
A ser eu, o de ontem, o de agora.

Estou cansado
Muito cansado da própria face.
Queria deitar-me na erva fresca
E pintar o azul do céu
Na tela dos meus olhos.

Um tique no nariz, dizem,
Dá-me um tom de graça.
Mas eu só vejo a desgraça
A bailar no meu nariz.

30/05/1988

Tenho uma flor na orelha.
Um rebanho de ovelhas pasta
E as janelas duma casa deserta
Reflectem o que sinto nos pés doridos.
Vou fechar a porta e dormir tranquilo.

Cair no trabalho ou na descanso?
Caí na melancolia e vi-me.
Até amanhã, até nunca mais,
Que eu não preciso de mim.

O baile de lindas moças
Acordou-me para a folia.
Que barco sou?
Preferia viver a morrer
No escuro de um poço
A ver os outros bailar.

A minha missão é o presságio
De ver bailar o mundo,
As mulheres prenhes
E os homens borrados de vinho.
Caí na melancolia e vi-me:
Sou eu a apertar-me na mão.

08/06/1988

Dois gatos observam-me à distância,
Perscrutam calmamente o meu olhar.
Se soubesse falar dir-lhes-ia que sou pulga.
Mas não sei falar nem sou pulga.

22/06/1988

Lixo espalhado
E eu recostado
A pensar na morte.
Sou forte
E não penso na vida
Que é mais querida
A quem é forte.

As árvores dormem.
Um homem
De pêlo na venta
Tenta
Empurrar o carro
Avariado
Para a estrada.

Não me incomoda.
Não está na moda
Ajudar ninguém.
Ando ao ritmo do tempo
E lamento
O desdém
Do vento.

O lixo não é
Embalagens de café
E papéis de jornais
Duma semana atrás.
O que não se faz
Para amar
É sujar.

23/07/1988

NITRATO DE PRATA

O amor que me abandona
É a lâmpada que se apaga
No quarto escuro da noite.
Desejava apagar a vida
Uma grande tristeza de ser,
A decepção de existir num tempo
A que não vim por vontade.

O amor que me abandona
Larga-me no lajedo frio
Em que repouso de olhar vago.
Não há amor para repartir,
Foi-se todo, deixei-o fugir
No último comboio expresso
Num adeus largo de morte.

O amor que me abandona...
Por que te vais amor
E me deixas comigo cismando
Quando as árvores dançam
Num passo lento lá fora?

05/10/1989

Os campos verdes, árvores sem rama
Choram de querer o sol ausente.
É hora de à terra lançar semente,
Tirar o doce fruto à tosca lama.

Arrefece breve e não sei cantar
O hino do infinito que buscava.
A mulher doirada que eu amava
Perdi-a numa esquina ao voltar.

À minha condição desejo escuro
Nas sombras mergulhar do desengano.
Num espelho me olhei e vi-me humano
Cercado num grito de um alto muro.

Mas virá o sol um dia, não demora
E a mulher que eu amo encontrarei.
Do peito duro sairá para fora
O jovial sorriso que eu guardei.

03/11/1989

Descobri por que me deixaste.
Fui injusto, é certo, e desumano
Como o meu amor de fogo e de desastre.
Desolado me repito e sufoco
Sob a rude aversão que de ti tomei.

Não podia ver-te sem cravar as unhas
Na palma das mãos de raiva.
Por não te ver me veio a paz
E por saber que já nada posso
Contra o tempo e a aragem
Que levou para longe o amor.

Da cidade a luz respiro zozzo
Qual ganzado depois da passa.
O meu futuro pertence ao passado
O meu destino era outro, este não é meu.
Cortam as árvores e os corações.
Mas dos corações não se faz mobília
Nem portas, nem telhados.

Apareço despejado numa rua pela manhã
Como coisa malcheirosa que não agrada
E se tem de deitar fora.
Meu amor, por que desataste o fio
Que prendia o meu coração ao teu?
Senti-me doente de temor
E quis fugir para a margem de lá
Onde se fica mais quente e protegido.

José Leon Machado

Eu era um sonhador, não era um homem.
Foi pena não teres sabido
Que os homens também sonham.

16/11/1989

Sinto a falta do meu Amor.
Batem à porta mas eu sei que não é ele,
Porque o meu Amor não usa porta
Para entrar.

Ele é a coisa mais bela que tenho
Na minha casa desarrumada,
Uma porcelana rara, uma pintura
Para olhar.

Se a chuva parou de cair ou não,
Se o mundo existe tal como é,
Deixei de saber quando o Meu Amor entrou
Para me abraçar.

Estamos agora os dois cingidos num.
Eu sou uma parede de alvenaria velha
E o meu Amor a hera que sobe
E me transforma.

24/12/1989

*Panteão das Coisas
Vulgares*

1989-1990

I

Quando poderei respirar como as aves
E comer a erva tenra como o gado?
Cansei-me, enjoiei de ser homem,
Quero viver natural e simples.

Os outros que se danem a trabalhar
E envileçam de preocupações e raivas.
Tudo é momentâneo, um sopro que vem
E nos toca o cabelo e a face.

As vistas falham, dói olhar ao longe
A lua por detrás dos montes sombrios.
E eu, que gosto tanto da luz, parado
A estiolar nas trevas que são os outros.

Tomara dar-me uma dor qualquer
Neste frio de Inverno
E eu cair fulminado no orgulho de querer
Não ser o que na realidade todos são.

06/01/1990

II

Relembra, Amor, que sou capaz de te amar.
Dói-me o coração, mas não sou cardíaco.
Dói-me por não saber querer-te com maior paixão.

As flores de estufa são mais belas,
Mas o perfume é ténue.
Cheirosas são as flores do campo
Que não têm quem as regue
Nem protecções contra a geada de Março.

Os montes por detrás das árvores nuas
Aqui, onde esfrego os olhos aborrecido,
Chegam-me cheios de um mistério essencial.
Os cumes são peitos de mulher tímidos
De leite espesso que alimenta a terra.

Meto o dedo na orelha e tiro o lixo acumulado.
Porque será que as árvores têm galhos
E os pardais poisam neles para cantar?
Talvez não cantem, talvez se lamentem do frio.

Relembra, Amor , que sou capaz de te amar.
Far-te-ei companhia à mesa, amar-te-ei
Como um pardal ama o galho donde canta.

22/02/1990

III

O teu cabelo
Erguia-se tocando o ar da rua
Eterno sorriso que nunca fora
Das feições de princesa sem castelo
Brilhante nua
De névoa vestida trajada de Outono
Infeliz na terra seja quem possua
Teu corpo morno.

IV

Como pára o tempo
E o espaço aumenta
Sempre que eu olho
O teu rosto ausente

Ai Amor

Porque me largas
No campo cinzento
Coberto de flores,
Flores de saudade?

Ai Amor

Monta no vento
E desce a dizer-me
O que tens guardado
No cálido peito.

Ai Amor

Estremeço sem jeito
Mergulho nas nuvens.
Uma glúcida brisa
O que sentes me conta.

09/04/1990

V

Sabes o que me vem?
Uma lua cansada da noite.
Mas a lua não cansa.
E, ora cheia, ora em quarto,
Aparece todos os dias.
E se não a vemos
Ela está lá na mesma
A velar o sono da terra.
A amizade é como a lua.
Nós não reparamos
Que temos alguém a pensar
Em nós, a amar-nos.
E esse alguém sabe
Que nós um dia olharemos
E veremos o seu rosto
Alegre e cheio de brilho
À nossa espera
Desde o primeiro minuto.

10/04/1990

VI

Olho o retrato do meu Amor.
Mãos finas, pequenas e meigas
Delgado o pescoço, mimoso e branco
Um sorriso direito e alvo
Daquele que lembra uma criança.

De rosa feitos os lábios ternos
Pestanas pretas sobre olhos de fada
Castanhos mais claros que os meus
Luz que perpassa quando os procuro.

Nariz bem posto numa face
Mole a tentar um beijo roubado
Cabelo curto, negro e sedoso
Porte, andar de passarinho livre
Pés miúdos, pernas que sobem
Moldadas por cinzel de escultor grego.

Em camisa transparente e clara
Peito perfeito, duas rolas que planam.
Assim a vejo, assim a amo
E um desejo enorme de tocar-lhe
Incomoda como bebida que entontece.

12/08/1990

VII

As horas que eu passei sem ti
Foram demasiado longas e atrozes.
As lágrimas não prorromperam,
Já não estamos no tempo de chorar,
Mas a carência das tuas mãos
Do teu corpo do teu sorriso
Da voz que esmaga a tristeza
Que tantas vezes me ronda.

Não quero ou não posso despejar
Uma lata de tinta escura
Sobre um tormento inerme e velho.

As ervas secaram as flores morreram
Os frutos apodrecem nas árvores.
Porque não vens rebolar comigo
Na erva receber as flores
Que eu te ofereço trincar os frutos
Da minha mão maduros.

25/08/1990

VIII

O lenço de papel contaminado.
Deste-me um beijo limpei os lábios
Do batom sabor morango.

Gosto de morangos mas não gosto
De beijos com gordura de carneiro.

Uma mancha no colarinho da camisa
Assinala o teu amor.
Talvez escape aos olhos da esposa
Essa mancha rosada vestígios
De afável delito.

27/10/1990

IX

O cimo dos prédios
Penetra o antigo céu
Azul. O mar atulha-se
Num esgoto de porcaria
Humana.

Que bela mobília deram
Os bosques frondosos
E cómodas estradas
Os vales verdes
E profundos!

Os ministros do ambiente
São apedrejados
Porque nada fazem
Pela mãe Natura.

Já ninguém acredita
Em prosápias gravatas
Acordos assinados
Convenções e apertos de mão
Em salas chiques.

16/05/1990

X

Um barrote do meu telhado
apodreceu.
O telhado não cai
Mas também não está seguro.
Dói-me o ventre e não
estou grávido.
Grávidas ficam as mulheres
e as fêmeas animais.
Um som de fanfarra militar
agita o ar húmido
E o eco dos tambores
Rumoreja no íntimo
do corpo.

Um dia um sobreiro perdeu
a folha e a cortiça.
Os pássaros não lhe poisavam
e o dono cortou-o.
Ganhou fungos e foi esquecido
na beira do bosque
Pois a madeira de sobreiro
é fraca para mobília
E para o fogão ninguém a quer.
O meu barrote não é
de sobreiro
E no entanto corrompeu-se
como eu.

Limpar os dentes do que ontem
Comi.

Foi um jantar indigesto
de que me veio a dor
de ventre.

Há ventres enormes de crianças
Que nada têm dentro
senão tristeza e fome.

E eu enchi-me do melhor
Que se faz nas cozinhas
portuguesas.

Uma pontada do lado esquerdo
Relembra-me os pratos
de delícia.

O barrote podre, a minha consciência,
O cão que crama, o tambor que rufa
e pede
Um gesto de afago no rosto das crianças
de ventre tumefacto.

26/05/1990

XI

Lavo as mãos e vejo as horas:
É tarde demais para não ir
Visitar o meu infortúnio no lado da terra.

As persianas são para tapar a luz
E não a noite.
Um carro desvaira ao cortar a curva.
Reflicto a razão de ser eu
O que não vai no carro mas o que olha.

Peguei no coração e fui dá-lo aos cães.
De focinho torcido mandaram-me
Que o comesse.

04/06/1990

XII

A natureza do concreto sobre a mesa.
Com uma borracha tudo se apaga
Só o escrito em papel que se não gasta
Persiste.

O meu corpo existe do nada e arrasta
A sombra de si que se não acha ali.
Na penumbra da noite dos meus dias rio-me
De espanto.

O coração racha em pranto do açoitado.
As alegrias não são para os meus dedos
Embrulhados na lama da infâmia
Que suja.

Fuja ou não até à praça movimentada
Os meus segredos conto-os às paredes
Aos pedaços de homens que passam como eu
Fendidos.

14/06/1990

XIII

Hernâni de Verdi, o pássaro que pia
Manhã pardacenta, chão molhado
E eu saudoso do passado
Do meu passado enganoso e vão.

Se eu pudesse viver num tempo
Em que os heróis mandavam...
Hoje os estropícios dominam
E a política é a lixeira do mundo.

O meu grande amor do presente,
Aquele amor que se sente
Como o definitivo, seguro,
Acaricia e desarma o mau génio.

Sou de má raça
E só um amor colossal me abraça
Me faz esquecer o que fui além
No enganoso passado saudoso e vão.

27/06/1990

XIV

Faço um desenho do meu coração
E ele é uma montanha inóspita
Em que o vento assobia nas fragas cor de musgo.
Uma ave de rapina grasna:
Sou eu que grito à fonte que não dá água.

Giestas, urze arreigada
Na minha carne fria de serra.
Porque não sou luz
Continuo a noite dos homens e renovo o ocaso.

09/08/1990

XV

O espaço entre tu e eu
Um abraço que não aconteceu.

Houve tempo em que as árvores
Sobreviviam ao homem
Conheciam os filhos e os netos deste
Eram amadas porque davam sombra
Abrigavam da chuva e do frio
Alimentavam as bocas, aqueciam.

Hoje as árvores morrem cedo
é o homem quem as vê cair
Queimadas, de sede, para madeira
Lucro fácil rendimento acelerado
Conta a crescer no banco ao lado.

O espaço entre tu e eu
Um abraço que não aconteceu.

14/08/1990

XVI

Este ano as aveléiras foram estéreis
Sacudi uma, cansei a vista
À procura dos frutos
Por fora castanhos, por dentro ocos.

Estou oco também, por fora não se nota.
As avelás saborosas pesam cheias.
As vazias, iguais de forma e cor,
Oferecem nada a quem as quebre.

Se me quebrarem encontrarão vento
Um estado de vácuo surdo, sombrio.

26/08/1990

XVII

O comboio anuncia a chuva
que falta.
Na minha agenda vejo os dias
aponto o que
não poderei cumprir nunca.

22/09/1990

XVIII

Electrificaram-me o espírito
Ondas, imagens luz artificial.
O sol querem-no para o Verão,
Tostar os peitos das meninas
Derreter a gordura das senhoras.

Há muito que me ergui da cadeira
E olho as paredes por cima
Apesar de saber que para lá
Só existe o que eu imaginar cá.

Mastigo um pedaço de ar morno
E refresco-me riçado de fogo.

07/09/1990

XIX

Incham os pés do caminho
Tirar as botas, arejar
Alivia como a frescura do vento
Numa tarde afogueada.

Mato melgas num massacre
De paredes sujas e mãos
Empapadas em sangue de insecto.
Se ao menos o teu afecto
Pelo meu corpo zumbisse...

Agito uma pestana presa
Num *clip* cromado seguro.
Quae ratio est?
Para não desejar na ponta
Do indicador e polegar
Um desafio.

17/09/1990

XX

Ao balcão ninguém me atende
Fui comprar um quilo de alegria
Esgotou e o comerciante dorme.
E se fosse à prateleira dos géneros
E fugisse com a caixa da tristeza?

XXI

Imitação de um quadro
De um autor banal.
A pintura é luz e sombra
Esta é sombra.
Apetecia-me um quadro de Dali
Com figuras reais de sonho.

Em três palavras pintar
Um óleo.

Num brilho verde
O despertador electrónico
Despacha as horas os décimos
De segundo.
O cão deitado olha atento
O voar da mosca.
Sossego num pedaço de tela
Verde muito verde
Como o sangue
As copas desnudas do pinho.

24/09/1990

XXII

Colo uma chávena quebrada
Flores vermelhas enfeitam
Os rebordos e folhas douradas
Cobrem a asa.
Quebrou em dois lados
Talvez se possa ainda beber
Café se a cola pegar.

Não sou apto a unir pedaços
Nem dos meus obtive um eu.

XXIII

Nada importa nada satisfaz
Tudo molesta o que sou
Nem durmo nem sonho
O sol um incómodo
O frio um intruso
As pessoas importunos desconhecidos.

10/10/1990

XXIV

Frio do vento frio do tempo
Morrem as folhas pálida a cor
Palavras perdidas de um conto
Volátil de fadas doirado.

Pertenço à cadeia dos pregos
Aponto aos pneus dos carros
Na viagem de regresso infinda.

Quem fez teimoso o desafio
Para que perdesse a matéria
De que o espírito é formado?

Rugido não de fera ou bomba
Se soubessem que o mar azul
É salgado e maior que os olhos
Haveria luar em cada homem
E a neve seria branca sempre.

O calendário riscado a negro
Os dias de longe retrocedem
Análise de um filme vivido
Na tela sombria do desengano
Lavagem as côdeas que ficaram
Cara fuligem asco lixo.

Quem trará o rosto limpo
E as mãos lavadas do crime
Que fora de si cometera?
Crer nas árvores não é crer
Uma folha que cai anuncia
Desprendimento do ramo mãe
Não tem nada para mostrar
Nada mais para fazer crer
Que anuncia o regresso do fim.

Frio do vento frio do tempo
Ontem não será o hoje de agora.

XXV

Salpicos na vidraça
A água que cai
Tempestade que passa.

O clamor das ilhas
No íntimo de mim
Abraço sem fim

Ar quente de praia
Pés molhados areia
Negra de rocha.

XXVI

Bela árvore a faia
Tronco rugoso a mostrar
A força da seiva que corre
Folhagem felpuda lá de ovelha.

Pendurar-me, sentir
A segurança num abraço
Aos seus ramos curtos.

A ilha do céu abre-se
Vasta num poder de colosso
A faia sorri na copa
Inabalável pelos ventos.

XXVII

Já não se vendem chapéus
Quietação de Inverno
Após mau tempo o sol
Dulcífluo no corpo inerte.

Já não se vendem chapéus
Porque a moda os não contempla.
Calvos enregelados
Por nada haver a tapar
As ideias escapam-se
Pelas frinchas da testa.

Quem me dera um chapéu
Que eu pudesse trazer na mão

XXVIII

Lancinante o restolho dos meus pés
Nos corredores do prédio
O ascensor parou um andar acima
Daquele em que eu não iria sair.

Ouve-se música no apartamento ao lado
Decalco a alcatifa de tons castanhos
Talvez no sofá me estenda
A beber um pouco do sol que ficou lá fora.

Consumidores sem dinheiro
Miravam gulosos as montras iluminadas
A pasta pesava-me, tive de parar
Tomei um café rápido como a fuga
De um refém do Iraque.

Dezembro de 1990

XXIX

Onde os versos que não escrevi?
Onde a vida que não vivi?
Traz-mos, memória,
Para que o choro me persiga
Num punho cerrado.

Não pertence à dos homens sensatos
A minha história.
Comigo ao lado morri
Do destroço a vitória
Num punho cerrado.

SOLIPSISMO ESTÉTICO

I

Perguntaram-me por que já não faço versos de amor.
Mas eu não me recordo de ter feito versos de amor.
Fui sempre egoísta demais para isso.
Posso compor frases bonitas e cobertas de sentimento.
A massa, o interior delas não tem mais do que vazio.

Alguém me chamou poeta.
Eu não sou poeta coisíssima nenhuma.
Junto palavras, frases, ideias ambíguas
Como os cozinheiros a fazerem soufflé.
O que escreve versos é um cozinheiro especializado
Na arte da sintaxe e da fonética.
Eu nem especialista dessas coisas sou.

O poeta, o verdadeiro, não precisa de papel nem de tinta.
Sabe muito bem que o melhor poema é o mundo
Que se vê e se sente.
A tinta, o papel, são estorvo para os olhos.

Eu escrevo coisas por vaidade
De as ver impressas depois nalgum folheto.
O que nunca acontece, pois é precisa a fama
De ser-se bom, mesmo que não se seja.
Do que eu não me convenço é do absurdo das palavras.
Teimo em encavalitá-las e dar-lhes algum sentido.
Que pobreza o homem querer tirar de si o que não tem!

25/01/1990

II

Num bocejo largo e total
Lavro o meu campo de versos
Regos retortos do arado guiado
Por lavrador que não sabe lavar.
Puxo e dirijo sem besta
Os animais já não trabalham a terra
Criam-se para carne
Ou atracção no jardim zoológico.
Se ao menos pudesse lavar de tractor,
Talvez os versos saíssem perfeitos
Na medida certa alinhados
Como na parada os soldados
À ordem do toque de caixa.

Assim uns nascem mais curtos
A crescerem aos trambolhões nos outros
De métrica desconhecida e bárbara.
O valor estético de um campo perfeito
Influi na paisagem.
Não importa que produza muito
Ou que as sementes que se atiram
Ao rego sejam de boa casta.
O que importa é a correcção dos sulcos
A geometria das linhas.

Não importa nada o significado de um verso.
Um verso é belo na medida em que emparelha
Na métrica com o seguinte.
Ideia, sensação? Cor apenas, ordem.

III

Há poetas que adoram fazer versos rimados
Certinhos como a esquadria de um prédio.
Podem ser ocos mas são lindos de ouvir.

Outros fazem-nos soltos
Como um campo furado de toupeiras.
Escabujam palavras amontoam-nas
Uma lixeira de detritos onde a variedade
De colorido de odores é colossal.
Para os compreender um esforço inaudito
A sensação de o poeta nos tomar por lorpas.

IV

Negrura, escuridão.
A literatura anda mais negra
Do que a negrura de um negro
Ou a noite de lua nova
Nublada, sem estrelas.

Afasto as cortinas
Para deixar entrar a luz.

V

Mescla de sensações e pensamentos
Não destoa num poema.
O que destoa é não haver sensação nenhuma
E o pensamento estar ausente
Como a água do deserto.
Borram-se páginas inteiras,
Livros maçudos, de linhas que
Não significam absolutamente nada.
Uma vanglória do autor,
A depradação que resta
Do saque à ignorância de si.

VI

Os escribas antigos queimavam a vista à luz da vela.
Eu incendeio a minha lâmpada eléctrica
E o que escrevo não passa de um campo mal lavrado.

Um cinzento sem cinza nem cigarro pesa sobre a mesa
De café encerrado. Passo na rua do meu quarto,
Bufo de inspiração forjada à marreta.

Dum copo esbeçado bebo uisque ou porto, não sei.
No vapor do álcool convulsas ideias sobrevoam
Surge um verso, surgem dois, brota o poema, coxo
Como quando se faz uma cadeira de três pés.

VII

Temo as palavras ricochete no cérebro
Prolixo de sensaborias fúteis.
Tourada de sons de conceitos
A mesquinhez de conhecer o mundo
E julgar-me um grande Orfeu
O dono único de todo o mistério.

Pobre da minha ignorância imensa!
Poesia não são palavras
A estoírem no cérebro moles.

VIII

A GOOD REASON TO DOUBT

Ervas a descoberto na minha boca.
Nunca fui generoso para o cão que ladra.
Punhados de razões ninguém mas deu
Quando saturado me aborrecia
Pelos antros escorregadios da teimosia
Propensos à queda.

No último andar da casa me escondo anímico,
Colimar um cimo para lá do cimo.
As antenas quase apanham o que Deus diz.
Os epodos atraem
Como o som de cordas de guitarra dedilhada.
O monopólio das persianas por marchantes
Deveria reduzir-se.
Negociem com gado.

Parece que o petróleo vai acabar
E as carroças serão usadas de novo.
Os poemas à luz da vela serão mais puros.
Deixarei de bater a cabeça na parede
A ver se saem ideias dos poros de cimento.
Dizem que os grandes poetas escreveram
À luz mortiça da vela de sebo.

Duvido que amanhã não me engane.
Querem inaugurar uma estátua
Ao meu neto. Dizem que inventou a pólvora.
Mas eu não acredito
Porque a pólvora inventei-a eu.

IX

A caneta é preta e emperram nos dedos do frio.
Não se usa agora escrever como o faço.
As máquinas electrónicas e os processadores de texto
Fazem muito melhor o serviço e sai tudo direitinho.
Eu é que sou um retrógrado
Porque manufacturo ainda as minhas linhas.

Alguém veste camisolas de lá tricotadas à mão?
Há fábricas a tecerem milhares por hora de fibra
Tirada do petróleo. A lã de ovelha não se usa mais
Porque comeram-nas todas. As camisolas são bonitas
Material talvez resistente mais do que o natural
Mas faltam-lhes as mãos o carinho da nossa mãe.

E os pastores já não correm as serras com os rebanhos.

27/11/1990

X

Os poetas dizem
Que são os eleitos
Bafejados pelo divino
O destino os predestina
Mas no que acredito
É num menino
A chorar ou a sorrir
E a dizer dadá
Num balbucio.

05/11/1992

Hora de Ontem

*Portugal a entristecer –
Brilho sem luz e sem arder.*

Fernando Pessoa, *Mensagem*

PORTUS CALEM

A erva dos meus olhos
No símbolo do teu rosto quase perfeito.
A grua eleva o prédio
As minhas mãos a tua figura.

PARTE I

*Pois que direi daqueles que em delícias,
Que o vil ócio no mundo traz consigo,
Gastam as vidas, logram as divícias,
Esquecidos do seu valor antigo?*

Camões, *Os Lusíadas*

SEMENTE INCÓLUME

Naqueles ramos de cipreste estão meus pais.
As raízes reentrançam-se na terra
Sob túmulos a mármore marcados.
Reverdeja um verde escuridão que se eleva.

RESTAURAÇÃO

Independência é urgente
Vencer a inércia
Anos de jugo sessenta
Ao império de Espanha.

O Encoberto há-de voltar
Já grita o povo em Évora
Chega de impostos
Os traidores que paguem
D. Sebastião João se chama.

O opressor que rouba e explora.
Deitaram fora o medo
Num arremedo de coragem
Ressurge a luz da cruz
Que as naus levaram.

Portugal não morreu
Nem é Espanha
A Virgem o guia
Assim o queria D. João.

MONASTERIUM

Monte Cassino Bento de Núrcia

Ora et labora

Deus está connosco

A paz de silêncio ecoa

Nos claustros

Cantam-se vésperas

Glória aos céus no coro de pedra

As matas libertam odor verde

Corvos não há

Apenas sob os pés do Santo

Com um pão no bico

De olhos afilados

Monges de negro carregam

Fardos contentamento

Nihil impossibile erit vobis

Mistério Guardado na luz

De todos os signos

O ÚLTIMO REI

Ditadura franquista
Miséria fome angústia
O rei é o culpado
Mate-se o rei
Extermine-se o trono.

Votado ao abandono
Portugal chagado
Apodrece definha
O reino caía a monarquia
Curvada velhinha
Morria.

D. Manuel infante
Simpático e moço
Olhar azul de mar
Que tanto amava
Seduziu abutres.

Criado pelas águas
Herdeiro forçado de trono
Mirrado, sucumbe
E parte num adeus
Infindo de nunca.

RESPUBLICA

«O rei já não faz falta
Há lugar para todos
O tacho é grande
Quem manda é a malta.

Padres e freiras rua
Que casem e façam filhos
Em prole da nação.
Fome também tivemos
E vivemos.

Deus não é
A hora é nossa
Que grossa a fatia
Simpatia nos dentes
Morte aos crentes.

Alistai-vos irmãos
Combatamos teutónio.
Presidente e salvas
Em cerimónias de pompa
A Liga vos chora.

A barriga se enche
De liberdade e festa
Povo? Que povo?
Não há povo.
Tudo é de ninguém.»

PARTE II

*Tudo é possível,
Ainda quando lutemos, como devemos lutar,
Por quanto nos pareça a liberdade e a justiça*

Jorge de Sena, *Metamorfoses*

FÁTIMA

A treze de Maio a Senhora apareceu
Brilhante como o sol,
Eram três os pastores, crianças apenas.
E veio à verdade chamar os homens,
Ao fim da guerra e à conversão a Rússia.

Que a senhora desceu numa azinheira
E falou e revelou três segredos
Não sei, não é importante para o mundo.
Importante é amar e que os homens falem
E se entendam.

O homem continua na mentira e no ódio
Ter, ser e poder mais do que o vizinho.
Que caminho?

ESTADO NOVO

Como reconstrução de casa degradada
Que não serve senão para demolir
O Estado Novo caiu o país. Velho
Raiou muito branco, muito alegre
Sobre a sujidade, o podre dos séculos.

O povo gostou da nova face maiada
Pensando que agora é que era
Agora é que a nação mostraria o que vale.
E quem não acreditasse fosse ver
A colossal exposição junto ao Tejo.

Liberdade? Não serve para coisa nenhuma
É preciso saber quem manda e mandar.
De anarquia basta, a casta é nova
Enxertia em cepa caduca resiste
O vinho sairá azedo, não se nota.

Cai a cal e não sustenta o muro
Inseguro num braço de ferro
O país vive, permanece onde os outros
Foram. Quem não esquece o passado
Vê do presente a repressão, a angústia.

SALAZAR

Um sol de engano reflecte na alma inerte
Oliveira estéril em caminho vertido a sangue
O Estado primeiro, depois o homem.

Flébil suporta um povo o mandato do alto
Eu quero ser terra, eu quero ser rio
Eu quero ser mar e ar do céu sem dono.

Poderoso virtuoso nem a cadeira de madeira
Aguentou o peso do corpo cansado e duro.
Talvez o sonho fosse de promessa a falha.

HUMBERTO DELGADO

Liberdade presa na mão
A palma aberta liberta
Sangue novo em corpo velho
O cadáver vive ainda.

Força Humberto ganharás!
Destronar é força
Quando a traça corrói
A traição dói.

Espanha campo de sangue
Lavar os dedos abafa
A voz de ânsia protesto
Que resto?

ATÉ AO SANGUE

O frio gelou a garganta.
O pardal não canta
Nem pode gritar o que o perturba.
Um homem foi morto porque queria pão.
Estendido jaz da opressão
Na terra.

Do céu nada vem e o homem está morto.
Corre o sangue sem pão, sem dor
Na terra desolada que cavou
E não o alimentou.
Roubaram-no para os mercedes do poder
E ali ficou.

A garganta não canta não grita
Responderam-lhe as balas
Silvando no trigo seco da fome.
Responderam-lhe
As balas.

Quando se dorme não se fala.
Sonha-se que há pão partido
E mãos que repartem.
Palavras gritos de denúncia?
Não é preciso palavras para sorrir.
Não é preciso garganta para repartir.
Sorrir é com a face, repartir é com as mãos.

EMIGRANTE

Mala rota, sapatos
Remendos no fato engelhado
Espera a hora na névoa do dia
De Inverno gelado.

Atingir a Espanha de assalto
À socapa da Guarda.
Além fronteira a vida é sorriso
É preciso mudar de face.

O camião de trespasse
Aguenta na curva
O passador recebe, o homem entra
E senta-se no banco de réu perdido,
Um olhar de adeus
À pátria maldita, à terra bendita
Que não o deixa livre
De ganhar o sustento e dizer que tem fome.

Restam lágrimas, saudade
De um dia – Quem sabe?
Voltar.

PARTE III

*Heis-de então ver, ao descerrar do escuro,
Bem como o cumprimento de um agouro,
Abrir-se, como grandes portas de ouro,
As imensas auroras do Futuro!*

Antero de Quental, *Odes Modernas*

LUSITANIA INFERTA

Inauditos tumultos extraordinários
Apinham-se as praças a liberdade surge
Cantar dos canhões atoar das pombas
Chegou a vez do homem mostrar-se
O sangue jorra o rio é estreito para acolher
Inundações colossais leitos do tamanho
De mundos.

Incauto o tirano goza da sua janela couraçada
Nem o aço é tão resistente
Nem a pedra tão dura que impeça a ira
Do povo.
O grande atentado contra a vida cometido
Em anos de jugo e cativeiro na própria casa
Haverá sempre Inverno e nuvens?

A neve purifica e o sol desinfecta
Super flumina Babilonis chorei e vi o meu país
Amordaçado.
Entoei canções de saudade litania longa
Quem sabia que a hora vinha?
Todos a ansiavam ninguém a esperava
Imensos os momentos de aflição incontida
Era o medo.

Relaxa tirano o povo não dorme
Pavor sentirás da própria voz que te atraíçoa
E denuncia os crimes nefandos
O estandarte incolor foi içado
Pintam-no as cores da liberdade.

OS CAPITÃES DE ABRIL

Os soldados
Vieram à rua e cantaram o hino
Nem tiros nem gritos nem sangue
Flores apenas alegria abraços
Traços de sorriso num rosto triste
De séculos.

Os capitães:
«Pela Pátria morram os cães
Portugueses nascemos, escravos não
Queremos futuro liberdade pão
Não basta;

Abaixo o chicote
Oprimidos quebrai os grilhões
Às prisões o Tomás o Caetano e a Pide
Lutai no trabalho à exploração
Na denúncia».

Agora memória
Quando formos cativos de novo
O povo nós sairão às ruas do corpo
Mais uma vez de mão erguida
A lembrar a vida liberta como voo
De anjo.

TIMOR

I

Um corpo de tropas
Sedento do que os outros não guardavam
Entrou, prendeu, matou.

Os homens a quem roubaram
A Ilha e o Barco
Choram no vale do Jamor.

Tanto heroísmo, tanta bazófia,
Incertas promessas
Na cara dos que mandam.

TIMOR

II

Porque nos pesa como chumbo
O mundo.
O povo maubere sabe
Que um filho perdido
Há-de encontrar a Mãe
E a Mãe não se esquece
Do filho que perdeu
Na multidão confusa
De um dia de breu.

Eles são nós.
E nós quem somos?

LÁGRIMAS NÃO DERRAMADAS

A terra que nos deixaram
Informe crestada pelo sol
A terra que nos deixaram
As pedras o mar e a dor.

Imponentes naus partiram
(Foi de nome rei antigo)
E um povo deu mundo ao mundo
A pobreza assolou e a fome
Cresceu-lhes a glória no rosto.

Das tempestades da História
Nasceu o que agora somos
Da força-fraqueza de um povo
De partir além montanhas
Veio a tristeza a saudade.

Resta o mar e um solo vago
Longe do corpo, coração perto.
Crianças negras chorando
E nós a escutar cansados
O grito de quem é novo.

IMPÉRIO IDO

A terra foi nossa, agora é vossa.
Nós temos o que fomos
E o que somos não sabemos
Porque morremos.

A CHAVE

Encontrei um pergaminho do tempo futuro
Chapas de zinco em caracteres incógnitos.
Daqui a cem anos algum rato de in-fólio
Descobrirá tapados de pó versos sem turno.

OUTROS POEMAS

LOUVOR DE PEDRAS

Sadam Hussein merece um poema?
Toda a anormalidade merece.
A crise passa, o mundo esquece.

Um poema autêntico não canta tiranos
Nem muros à liberdade erguidos.
Canta a verdade e destrói barreiras
Ama o impossível, as palavras
De estouro e temor.

Sadam Hussein merece um poema.
A sua razão é a razão certa de si.
Cairá um dia, como todos os tiranos,
Os que sonham num mundo prostrado
A seus pés de reis vencidos.

Outubro de 1990

Jogavam num campo inclinado.
Não era campo, era uma encosta
Oblíqua como telhado de casa.
A bola, por mais que a chutassem até cima,
Descaía.
As balizas ambas a meio do desnível
Ficavam às moscas.
Os dois guarda-redes sacaram do baralho
E jogavam o *king*.

Na linha de água amontoavam-se
Em fora de jogo vinte e um futebolistas.
A bola pertencia a um apenas: ao árbitro.
Corria desvairado com a bola na mão
E os vinte atrás numa algazarra atroz.
Depois lincharam-no e da bola
Fizeram um boneco sem braços.

PROPE MORTEM

A minha missão é incomodar.
A vossa de serdes incomodados
E enfurecer-vos com a minha impertinência.
Tem de haver alguém a lembrar a insignificância
Que é ser-se homem.
Todos pensam que nasceram deuses
Imortais e poderosos.
Miseros mortais, pobres senhores!

O meu nome? Mas eu não tenho nome.
Eu sou a que leva sem pena
Eu sou a que vem sem vento e a que vai sem ele.
Por morte me tomam, por desgraça me dou.
Quem desejará partilhar-me?
Os homens, alguns, são cegos e não vêem
Que eu chego enquanto o diabo esfrega um olho.

Outros carregam-me por gosto
Como se eu desejasse a companhia dos mortos.
Eu não coleciono mortos.
Eu coleciono vivos!
Os mortos? Já não mexem, não têm graça.
Com os vivos é que eu adoro tratar.
Uma dança, sim, a vida é uma dança macabra.

30/01/1990

A tentação de um corpo esbelto
Saia branca pelo joelho
Cabelo apanhado como menina
E olhos de azul salgado
Face meiga de areia fina
Praia onde ondas esbatem.

Não és minha nunca o serás
O sorriso apenas me doaste
E prendi-o como pintassilgo
Na lembrança de teus olhos
Desejos ásperas de morder-te
E perder-te sem seguida

Entre multidões de desconhecidos.
Não recordarei o seu nome brusco
Um gesto palavras de lábios
Que alguém beijou sem mim.
Me sacudo num acordo de sonho
Foste real perdi-te num outro.

03/07/1991

Las Despido

1991-1992

*Arde no lar o fogo antigo
do amor irreparável
e de súbito surge-me o teu rosto*

Carlos de Oliveira

I

Quadro impressionista
Janela com gotas de chuva
A escorrer vidro curvo
Configurações figuras.

O indefinido fuga à vista
Pinceladas em turvo
Edifício árvore vulto.

II

Marasmo se liberta
Entre musgo de destroços telhas quebradas
Inimizei do destino a face vaga
O destino é a morte e o frio imemória
De quem esquece.

Candeeiro apagado no escuro de mim
O passado que não fui
Feirante vender ao desbarato o que sobra
De dor e escuridão avulso.

Falhei a falésia opus-me de receio
No permeio do ser mantido a fruta amarga.
Desteço limite num depois
Porque empolar não radica o fumo
No pulso.

III

Chávena ou garrafa
Loivo
O vinho faz-se no Outono
A Primavera é de amor

Doces fazem cárie mas
Dão prazer à infância

Água não refresca
A secura da vida deserta
Raspar um jarrão
Veneno no vinho de vidro

IV

Quantas desgraças
Nas praças desta cidade
Quantos desgostos de quase
Frase a frase o cúmulo

Rómulo não matou Remo
Nem Caim matou Abel
No papel tudo vive revive
Só eu morro dentro e fora
Das linhas em negro

Loucura perdida
Não te faças de desentendida
O frio cálido pálido varia

Um negócio lucrativo
Este de não vender livros

V

Cântico de núpcias em dia de funeral
As pessoas vinham por falta
Não se ouviram melodias
Patos sem asas o chapinhar na poça

Cortava papelinhos e nuvens
Depois batia um bolo pão-de-ló
Não ter fome o vizinho que se cale
Porque a pedra come-se ou atira-se
De encontro à janela onde não moras.

VI

Na via buracos
Calcular o preço de sortes
Remendem a água
Tréguas de duas guerras
Em devir.

A morte é forte
Sobre a via pegadas
Fio eléctrico
Como pode trazer prazer?
Armário jarrão
No alto.

VII

Chuva de rua cedro fumado em cravo
Batatas de verde escaravelho praga
E Sófocles a falar de Tebas.

Bodegas vaso murcho e pudim caseiro
Aspirador que limpa tacos soalho
Água de caneca de vidro bolha de ar.

Amar é cano e palma de quem vence
O seu corpo morto posto em suma
Sinais de pele fabriquetas de dano.

Maio não faz mal aos dentes
O sol o diabo o leve e o carregue
Para os pólos derreta gelos e afogue
Num peso de água as zonas baixas.

VIII

A retriz que dirige o meu voo
Alguém a segou e selou-me
Nos antros da terra.
Reconduzi em perda por destreza
Fugindo amálgama do verde.
Emergindo como ave das cinzas.

A retriz me dirige não por céus
Mas por sendas de prados e limos.

IX

Espaldar de cadeira nova a prova do ínfimo
Mostrem sinos e meninos a chupar caramelos

As faces belas escovar cabelos do casaco
Fuma mata o vício de homem que há em ti
Mas não deites a cinza nos outros

Petições e avisos cunhas raspem o amor
Lentes de contacto óculos de quem
No símbolo de roupagem a extremar insane

X

Escravo recolhi-me ao templo de aves
A felga que me coube não se ajusta
À insipidez de um braço cortado.
Logo que não possa participarei da ceia
Num antro de requebros em sobrecéu.

Penduro rápido o avanço de frase
No cabide do tecto desguarnecido
Ao pequeno almoço detesto aveia
Em flocos bebo ânsias de sono fénico
Como águas de mar sem paz crispado.

XI

Bem podiam aguentar a dor quando acontece
Não se ouvem horas
Da torre morre um fumo de bruma a luzir
Novidade é jantar feijão o ramerrão das árvores
Nas estações iguais.
Um átomo não é idêntico quanto mais o Inverno
Cada vez mais frio.

XII

Extremo veneno pés de quem soou
Estrondo bíbulo de címbalos
Flores em vaso pedaços
E a lágrima que vai fundo
Destoa frase o ponto negro
A voz relembra infância
Vivida por detrás alegria

Labros em vermelho alagoados
Lacaio repúdio a queimar vertentes
Salvanda em grosso impossível
O alcance filão metais raros
Vidros pincel letras em branco
Jarro amargo de ócio

XIII

Reservar treva a súpula
Ursinho rosa de peluche
Desfeita a cama cheiros
Humanos os corpos
Fenda por onde água escoa
Patroa no banho ranho
Nas caritas de criança

Peúgas chulé refogado
Aromas de sândalo e cão
Que precisa ir à rua
Esgaravatar cidades nuas
Amor corpos enlaçados
Tríptico o sibilo morre
Nem calças se aproveitam

XIV

A prazo o ramo
Que o assento tomado
Te seja descanso.
Observar emoção que sai
Vigilante impune.

Braços cabelo
Nariz não que a sinusite
O entope.

A prazo monótono pórtico
Partir outro espaço
Na vastidão de um copo.

XV

Escoar a vida retida
Em pó sulfamida
O sulco suores pletora
Demora diorito somítico
Em fazer-se perícias
Na arte de amar.

Obturo o escuro do óbvio
Ao regaço sopesa primazia
De um dia sofrer o desejo.

Preterido melífero doçura
A instigar abraços e braços
Tocarem-se flutua a grua
Na rua tritura ferro engrena.

Desonraram partiram
Até que ridentes
Em subdelírio e facúndia
Transpôs titular um recurso.

XVI

Botão de oiro ferro de prego
Num pé a faca avança entrança
Mão de luta conota e a malta
Marulha à bulha
Contra pacotes leis de esterco
Holofotes encandeiam
Par na pista e chistes retorce

Lâmina argola bom sumo a espanhola
Que conheceram em Sevilha
Uma pilha a *revilla* óptima em pão caseiro
E o letreiro de vende-se vinho a granel
De noivado o anel meteram nos dedos
E azedos avançaram pela vida.

XVII

As massas não sobejam
Comprar gastar esbanjamento
Cornija o telhado precisa
Nas horas de Inverno
O frio águas do sul.

Pilhas livros a monte
De ciências naturais teologia
A sabedoria antiga
Que ninguém conhece
Porque o interesse está em números
Papel pedaços colorido impresso.

XVIII

Irradiador a 1500 *watts*
Perfumes de Paris
Carro italiano
TV do Japão
Bacon britânico como a música
Palavrão à americana
Que pra *shit* têm jeito

No peito a fome de anseio
Cachorro *hot-dog* dizem eles
– Os outros parte de nós.
Tiro a chupeta e mamou no dedo.

XIX

Negrume cheiro a estrume
Onde encontrar nas cidades?
A lareira o pote o fumeiro
Nem nos museus d'arte popular.

A terra era bela agora fórmica.
Perdeu-se a visão do horizonte
Que fora prata nas manhãs
E laranja nas tardes de sol.

Lucífugo me escondo como rato
Nas paredes escusas da urbe.
Criminoso apenas por esquecer
O refúgio da infância.

XX

Coro num cântico Schubert à luz
Jacinto de prata e vaso que mata
Qui pro quo varanda vidro reflexo
Amplexo *mejora tu modo de ser*

Fazer montanha de sal num canal
De pensamento louvarás o mundo

XXI

Um momento a memória
Canção o mar férula de olhar
Atrás na cera do tempo.
E se escorresse areia pelo rosto?

Desnexo enlousou repouso.
Nolição homem divo quando
Lograr a pausa memória.

XXII

Fazer até à esquina
Uma grande viagem.
Erodente despejo
A dor sente-se quando
Os dedos efervescentes
Se deformam.

Transparente a tinta
Palimpsesto o que se escreve
Por cima o sobejo
O que vale menos por baixo
Floresta esboço arrelias.

Rabiscando pela boca
Derrear viver papalvo
Já nem os porcos
Comem bolotas.
Ignoro se um dia
Não morrerei
A ver o mundo convexo.

XXIII

As horas não batem
O relógio é digital silencioso
Furou-se o bolso perdeu-se
Um refúgio de ânsias quase negras

Refrega o múnus de tomar mar.
Vem som de saxo amolecendo
O dia fechou na rua zumbe
Táxi noctívagos de vida sonsa.

XXIV

Tanque lagar não de vinho
De contentamentos e desgostos
O coração.
Bonecas de princesas e reizinhos
Em prateleira de armário de sala
O aspirador absorve o pensar.

Estalido lata de cerveja
A sede imprópria no Inverno
Cadernos de miúdo no sótão
Esverdeia um crisântemo branco
A mesa refreia jantar não comido
Se chovesse...

Motor de aspirar nos tacos
Sofá roto como rota a história
De alguém vulgar
Empadas de tomate e queijo
Em restaurante à esquina
Tanque lagar de vinho.

XXV

Que te choro
Porque te não choro
Sem partires deixaste-me
Quem se habitua não sofre

Aleijões somos aleijões
Um do outro
Talvez renegue
O nunca desamar-te

Incerto ontem
A nuvem encontro
Um pouco de ti
Nas minhas mãos

XXVI

Uma tarde sem tarde
Circulo vermelho números
A cadeira de palhinha
Que magra a luz do dia
Teosofia deus sabe
O pensamento de um cego.

Pernas perfeitas de céu
Ler ver o incerto
Onde o desenho plana em fuga.
Roubei-me de cofre
Polinómio $x + y$
Num estouro nada me vi.

XXVII

A coluna em dor de peste
Desamotino a multidão
Que no espírito consome
O pouco do meu corpo.

Numa tempestade de copo
Me afogo
Uisque não, de gim,
Que tem o tom das águas.

Não ser do galeão S. João
Sofrer naufrágio
Perecer de fome entre cafres
A desejarem-me a pele.

Não ser Adriano
Podre de doença
No meio do luxo romano
Que despreza.

XXVIII

O ramerrão diurno o sem-fim
No bar próximo nada de leite
Toma-se de manhã.

Bebida da noite: *cocktail* tropical
E o frio num assobio de telhas
Os amantes entrançam.

Uma capela de São Prudêncio
Em bairro de betão e vidro
Dinossauro no Parlamento

Adeus não faça mais o que não quer
A trampa não é a vida
O homem que se desunhe em busca.

XXIX

Violação do corpo
O bisturi avançou cortante
Regressarei para me rever
Numa luz de infravermelhos

Suspensão dos meus olhos
Imobilizo querer
Durmo dorme meu corpo
Desliza sênio extático

XXX

Porque escrever o quê
Se o que se lê protege?

Fácil muito mais fácil
Sonhar mundos de longe
E duma casa estender como quem colhe
Sobre o espaço a visão
Que um abraço não pode cingir.

XXXI

A espingarda sem munições
Procurei pela casa alguma caixa
Encontrei apenas pregos e alfinetes.
Nem mosquito
conseguiria derrubar.

Quis atravessar a estrada
O tráfego intenso impedia
Atravessei o sangue esparramou-se
Na via.
Não era eu.
Foi somente um cão doente.

Aqueço os pés feridos e enxugo
A boca de um gosto amargo.
A espingarda a um canto, atenta.

XXXII

Daqui a um minuto talvez três
Quando chegar àquela porta
Entro sem chave
E na mesma cama
Deito o corpo de mulher.

XXXIII

Ruiu prédio na inconsciência
De transportar o inatingível

Relato saga futura
Aventura a viver
Pétala telhado um furo
O sol foco entulho os restos
De pedra e cimento

O teu cabelo a roçar-me a face

XXXIV

Hera pelo chão, força perdida
Subir agarrar não mais.
TV imagem disforme
Enorme o pouco do que resta
Em fundo de copo.

Roubei-me de cofre sem código
Bem guardado.
A meu lado
Um quase vazio de mente.

Abre-valas

Foi isto o que os deuses decretaram para os míseros mortais: que vivam na aflição. Eles, porém, são isentos de cuidados.

Homero

A proveta da imaginação reflui.
Então é neste reino que há vômitos?

Ápode ave crua fléxil desdouro
Enesgo o dócil monturo de lava
Retículo depeno água marulho
A quem não posso dizer a verdade
A digo e refrego cáustico retrós.

Imóvel o mar o ar o par de
Apaixonados numa nesga certa.

Linha recta, caixa, quadrado,
Ângulos, arestas, paredes pintadas,
Um pesadelo geométrico afecta
O que ficou de um sono perverso.

O circular, o redondo é mais afável,
Descansa as pupilas, descontraí o cérebro.
Redondo é o cosmos, o sol e a luz,
Redondos os átomos, os protões e a terra.

O amor é redondo e os flores também.
Não há túlipas nem rosas quadradas.
A harmonia do mundo é o círculo,
O que dá paz, satisfação, bem-estar.

Estas formas violentas atordoam.
O homem deprava o que a natureza cria,
Prédios, estradas, automóveis quadrados,
A terra prospera em colossal caixote.

Passo as mãos pelos dedos
E sinto-os redondos, com vida.
Assim deveria ser o resultado do esforço
Conseguido no trabalho de todos os dias.

04/05/1990

As pernas de linhas feitas em forma
Saía do joelho acima tentadora
Peito largo, seguro toda morna
Para os sentidos, bela, assustadora.

Ânsias fúteis desejos de pegar
Cabelo curto de cetim doirado
Requebros doces lábios para amar
Beijando firme as rédeas do pecado.

04/04/1990

Resplandece na sombra do meu desejo
Um áureo desprazer de tapado cume
Atravessa a rua disforme o cortejo
A casa velha não tenho quem a arrume.

Gargânteo tímpano me abala a conduta
E o ar refrigério dos pecados meus
O espírito que tenho é uma eterna gruta
Qual morte, qual homem, me dirá, qual Deus?

Estranheza de forma a matar mistelas.
Exonero as pombas o que sonho delas.

08/03/1990

Agarro um canivete de ponta afiada
Folha de prata a dizer inox e raspo
A pedra acumulada nos dentes caninos
Pela falta de lavagem, o desleixo
De uma vida sem interesse.

Enfadei do meu sorriso amarelo
E dos olhos cavos de noite mal dormida.
Talvez a vida me ofereça algo mais
Do que um copo e um amigo a acompanhar
E me atire um balde de água cristalina.

Que insensatez desejar mudar o suposto
Purificar o que de mau adquiri!
Escorvo a dentadura, o esmalte brilha
Fosco como lâmpada a apagar-se.

14/07/1990

Comer vomitar para comer de novo
Tudo o que haja à mão.
O telefone avariado não toca
O relógio em dois suspiros pára de rodar
Não é electrónico precisa de corda
A energia humana que se lhe concede.
Oíço coisas em inglês sérias talvez.

Numa balança me peso
Aumentei dois quilos
Da cerveja dos pastéis
Descambo o ventre na pro-
Eminência da posteridade
Respeitar-me-ão um dia
Como senhor de bem
Casado engenheiro de
Maquinaria agrícola.

Um fedor ácido azia pelo esófago
Um pé dorme fricciono langoroso
Como quem está cansado das partes
Que compõem um motor caduco.

Xarope aparador de *nylon*
numérico psicadélico
absurdo o curto paga
jogar cobre o podre aí

Suspira chaves de porta sem trinco
Cinco vezes palrou escutou endosso

Colaram reforçaram
quero ser estrangeiro
a ver se o dinheiro
sobra e me dê o quê

Cândido polido *clips* de verga fina
Tina líquidos que poluem homem aço

Cardo nariz empinado
Remira praga fuste
as fragas de turco
porco parte deixa

VAGALHÃO

Casa vaga oportuno
Imprevidente ao referente
Opositio in faueta
Cais de mais se frasco
Rumor de trino sanguíneo
Marechal presente de fé
Pasto cabido e frigo
Vá ide centena graúdo
Raspanço de lado fuga
Mete mete que bom
Pão tanchagem de pronto

Quiriquiqui ó galo
O pescoço dói que foi
Miura na arena sangue
Resfolga o tubo de muco
Exangue caixa fixe

Sete fraco fraquito
O ganso de branco e lis
Mama papa lili fosca
Cavilha tresanda a mole
Fuma velha pantera
Talvez fera de selva
Que faz zás às presas

Certezas voam de fisco
Saltitou pombo no lombo
Que vem bem ao forno
Bastava o suor e a pança
Aliança traz faz falta
Romper peste deste tudo

PASTILHA ELÁSTICA

I

Alguma coisa lembra o delírio
Prefiro não acabar
Pasta de couro os godos vieram
Trouxeram os nomes
E uns genes de (g)raça.
Ah! Cabelo preto e olhar de mosto
Amor louco sem fim suspiros
Em cabeças de vento sem chuva.

Como droga cara de injectar
O espírito se esvai de assomo
Talvez morrer não fosse bom
Viver para quê se vegetar consome
Transvale relógio de muro
As igrejas caíram.

Minha camisa branca no teu corpo
De vestal quase perdido
Faz-me jeito o peito
Coberto a suar aroma de mulher
Todos os meses se purificam
Virgens sempre intocáveis.

Trazia o preço na testa
Sou o que me desejares
No calor do quarto em rubro.
O dia não chega e a noite
Acaba por desviar-se da terra.
Fraco forte... nem forte
Espasmo dedos no buraco das orelhas
Por lavar.

II

Podia muito bem dormir
Porém não vou dormir
Porcelanas em bolso conicas
Ferros óxidos era o que faltava
Ler às escuras e pensar de dia
Defender-me
Do que me não cabe.

III

Papel de rebuçado em bola
Doçuras os plátanos reverdecem
Amanhecem rios
E fios de poste baloiçam
Num toque de pranto.
Cabide nu
Os fatos guardam-se em armário
Não vá o pó

Arranhar as cores e as flores
De saia cheiram
A jasmim de jardim.

Seguro a mão na mão
Com receio de ferir granito
A fralda de fora baldei-me
Espero de pé olhando o chão e o ar.
Tramóias de inimigos
Os figos e as sementes deles
Esborracham em cobalto o tecto
Vem-me dor de dentes
Em sonho de morte em febre.

Esfrega o braço
Não é de cansaço é cio.
Calheiro seco águas na torneira
Apenas que se não bebem.
Cá vai disto
E o Cristo pregado todos os dias
As mãos e os pés em destroço
Fecho-me num *éclair*
Para me viver dentro.

CAVERNNAME

Azia arrelia se soubesse
Não comeria *paté de foi*
Sonoridade peúgas manchadas
Manta que não cobre pobre
Do vizinho porque a mulher
Emprenhou de novo

Menos barulho em cima! Calai
A boca fétida ouvi sonhai
Borboleta um casulo aguarda
Fecho de armário sem roupa
Prateleiras de bicho roídas
Onde arrumam lembranças

As tranças da pequena
Madeixas num alinhado de voo
O violão incrustado à parede
Rede sofismas o dialelo
E um paralelo na tola
Quando o acaso escolhe a tua

Rua! fora do meu quintal
Onde planto circunspeccção
E lírios em rodapé arrebitam
Zanga para a pândega amigos
De farra álcool mulheres
Longe – desgraça na praça
Façam com o médio linha

A vida descose-se um rombo
Ao começo da perna. Palermo
Por desconhecer a fimbria
Do intotal no mar da boca

NUM INTERVALO

Colore o seu para jornal de céu
Raspão talvez e dedo cure
Num dia solarengo sem nó.
As horas não batem
O relógio é digital silencioso
O vosso burburinho que doçura!

Furou-se o bolso perde-se
Um refúgio o múnus de tomar mar.
Vem som de saxo amolecendo
O dia fechou na rua zumbe
Táxi noctívagos de vida sonsa.

Curado das palavras
De rasto conceitos
Classe categorias em
Monotonia o sono abandono

A força e a queda
Para um antro ali
Nos bolsos do casaco
De um senhor que passa

Barrego berro grito
Choro guincho pranto
Alegria um sorriso
Porque não a luz?

Embora cansado o mar
Repita as ondas

Seringa a pinga fumaça
Arregaça a manga espeta
Não era pó. Que peta.

Aluado rapaz paleio
Moto a cortar os ares
Mortíferos de cidade.

Expele metal um fumo
Aprumo de cabelo em gel
Menino bonito... foge!

Porque o papá não quer
Ouvir falar de assaltos
A lojas senhoras casadas.

03/04/1992

CHOQUES

I

Exsudo plumas das asas rasgadas
Lápides sem nome filas de morte
Num sem-fim que tarda de pátria farta
Da sementeira meus ossos traslado.

Enlousa o enigma de costas voltado
Manientas sogras à porrada às noras
Estoura a rolha na garrafa verde
Festa de múmias secas fora de horas.

Labuta o labrego de lábio caído
Justeza da pândega é para os grandes
Esbulho de faces num corte a prumo
Quem cunha moeda engana palhaços.

Esbofo de enfado teúrgica acção
Lucernas sem luz penumbra de salas
Magia de mim num sítio concreto
Do futuro rememoro um projecto.

Ignoro elóquios palavras balofas
O audaz incauto não passa de touro.
Pirraça de rua não quebra ouvidos
Talvez que o mundo ainda dure amanhã.

Exsuda plumas das asas rasgadas
Reteso o corpo de agónica paz.
Os aplausos da sala deserta
Ocultam-me num marulho de lápides.

II

Dou uma trinca na maçã bichada
Imerso mastigo pedaços de podre
Mucos espessos engano o pensar
Ignorava que me faço de guarda.

Cimério cicio de homem enfermo
Sou mago dos tristes talvez regresse
Ao templo da terra absorto de fome
Dolência de beijo que não foi dado.

Masturbo o berro dum dedo queimado
Esforços que não são pelo teu corpo
Copos cúpulas coitos de metal
Prazer de gumes casa de mau cheiro.

A fissura da parede ressuma
Um corpo aberto ao vento que fecunda
Líquidos de mares inomináveis
Ingiro num gole sobejo e lento.

III

O alfaiate cosicava os meus pés
E os meus braços no ser errado.
Tresmalhei desintegrou-me o cosmos
Um homem sem membros não age.

Se vós pensais que a derisão me afecta
Enganais o vosso mesquinho senso
Eu falo não necessito de braços
Gesticula quem não tem palavra.

Eu movo-me para que quero os pés?
Estou além num pensamento rápido
De infusão fui feito não sou perfeito
Mas tenho a dura força dos milénios.

A chupar de mentol um rebuçado
Trinca brinca marés de lava aponta
Braço traço com mão no ar de afronta
Firme requebro em chão depositado.

Servirão taças líquidos de fel
O rei morto via e olhava atento
No palácio sem arcadas nem vento
Do cimo a descer montanhas o mel.

Êxul de máscaras parti, motejo
Cançonetas vedetas ritmo antigo
Em procura, martelar um desejo

De saber-se restringir o que digo
Parcimónia cerimónia de ensejo
Da noite estátua do dia perigo.

17/02/1992

Casaco rubro centelha *a la mode*
O frasco essência tanto de choro
Coro num cântico Schubert à luz
Jacinto de prata e vaso que mata

Oriundo implorou touro ripanço
Prática e rápida a face de agulha
Ah, pulha! Remexe a memória
Vangloria-te e febre pesada inchada

Qui pro quo varanda vidro reflexo
Amplexo *mejora tu modo de ser*
Fazer montanha de sal num canal
De pensamento louvarás o mundo

Amanhã comesse as tréguas do pescoço
amanhã comece as mágoas do destroço
amanhã arremece o passado aos cães
amanhã arrefece o assado de maçã-doce

acolá de manhã quando bufo
quem me disse serei pomo do tiro
saco prato
o urso barrega
o acústico sobressalta a lesma
numa correria de musgo

beijos gracejos
não quero o mar com peixe envenenado
cera
pêra
de doutor que sabe pouco mas tem cátedra
até um rouco se faz ouvir
na cantiga da cabra-cega

carapuça de bisnaga
bolacha de sal e canela
bezuntaram o horizonte
verdura pasta
agrura coronel
postura seiva
gordura ranço
amargura sacho
e outra loucura qualquer a fazer o pino.

20/11/1990

As nozes não se quebram com os dentes
Há quem beba água pela fonte
Sem copo.
O estandarte o espadarte
É bom cozido.

Malha mácula
São a mesmo coisa.
Os padeiros deitam-se tarde
Alguém tem de fazer o pão que vai encher
A pança dos meninos.

Águas, verter águas
Áreas aéreas
Arúspice abrindo o ventre aos pombos.
Que gozo o arroz de ervilhas
E uma mulher na cama
A mostrar o túnel de aromas raros.

Abocanho a pêra e descubro-me
Como velho à porta da igreja.

26/12/1990

O meu coração no chão pisado
Um copo de martini sem limão
Lápis-lazúli às manchas rubras
Glauco do jardim sem terra
A única flor tu, meu gladiolo.

Senhor dador na dor sandáracca
Freixo madeira mais dura segura
Haverá para fazer um homem
No jarrão me despejo e refugio
Senti-me forte, esfiapou-me a sorte.

28/12/1990

Camisa empastada a cheirar a mofo
O suor de Agosto, calor que infesta
Os olhos fechados dormem cansados
Água salgada a escorrer pela testa.

Chove e trovoa no meu filamento
Prazer de enganar não me enganam mais
Perigos, venturas, azar do tempo
Eu quero agora o que não vem jamais.

19/08/1990

A espingarda sem munições
Procurei pela casa de minha avó
Alguma caixa.
Encontrei pregos apenas e alfinetes.

Com isso nem uma couve
Conseguiria derrubar.
Quis atravessar a estrada
O tráfego intenso impedia

Atravessei o sangue derramou-se
Na via.
Não era eu
Foi somente um coelho doente.

Aqueço os pés feridos e enxugo
A boca de um gosto amargo.
A espingarda a um canto atenta.

06/02/1991

Que tipo em Tóquio
O próprio Pinóquio
Não tinha olhos
Na horizontal.
O mal
É haver homem.

04/11/1992

COLA-TUDO

Estar cheio de vazio
Chungaria a prosa
Doces fazem cárie
Dão prazer à infância

Chávena e garrafa
Loivo
O vinho faz-se no Outono
A Primavera é de amor

Água não refresca
A secura da vida deserta
Raspar um jarrão
Veneno no vinho de vidro.

PLANO

Botão serezero um chilo
Caído manga de camisa
Imprecisa a face murmúrio
Saberás distinguir um ovo
Do esférico lunar
Rachar quebranto espanto
Ao espelho numes perfumes

Desenharias a frio um rio
Quando passantes de fuga
Redobrassem ao som da ponte

Persiana semidescida
Uma ferida aberto interior
De corpo duro e frágil
Puro ninguém é puro
E o muro cercou-nos agora
Que desmoronou em ruínas

Vestiu o casaco saiu
A cidade ficava longe
Mas não queria a cidade.

PRINCIPALMENTE

O casaco verde da tua audácia
Coluna pesada a segurar constância
Mérito descrédito um perfume
E lume a queimar-te desejo

Prata vermelho de vozes ruídos
Pruridos faces de escuro um murro
Monturo de lama prata desgraça
À porta uma morta.

Índice

Textos recuperados para uma espécie de introdução	5
A moderna poesia portuguesa	7
A crise do lirismo amoroso	9
Egas Couto, poeta da cor e da forma	12
Os Desabafos do Sr. Teixeira	17
Parte I	19
Parte II	35
Outros Poemas	55
Poesia das Mãos Fechadas	85
Rasto de Suspeita.....	113
Nitrato de Prata	139
Panteão das Coisas Vulgares	147
Solipsismo Estético.....	181
Hora de Ontem	195
Parte I	199
Parte II	207
Parte III	215
Outros Poemas	225
Lar Despido	231
Abre-Valas	267